



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
11º LEVANTAMENTO

Agosto 2026

**volume 13
NÚMERO**

11

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Couglan Hilter Sampaio Cardoso

Eledon Pereira de Oliveira

Janaína Maia de Almeida

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Luciana Gomes da Silva

Marco Antônio Garcia Martins Chaves

Martha Helena Gama de Macêdo

Pedro Muller Metsavaht Salomão

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo

Fernando Arthur Santos Lima

Gabriella de Jesus Teixeira

Lucas Barbosa Fernandes

Lucas Marçal Romeiro Barbosa

Otávio Coscrato Cardoso da Silva

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Viviane Silveira Anjos

Walquiria de Lima Mesquita

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Bruno de Souza Machado (Gerpa – arroz), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Frederico Vaz Sampaio (Gerpa – milho), Leandro Menegon Corder (Gefab – trigo), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja) e Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – feijão).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe e Tocantins.



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
11º LEVANTAMENTO

Copyright © 2026– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: www.gov.br/conab
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação
Guilherme Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos
Acervo Conab

Normalização
Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 13, safra 2025/26, n. 11
décimo primeiro levantamento, agosto 2026.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras
(1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra
(2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

7	RESUMO EXECUTIVO
13	INTRODUÇÃO
16	ANÁLISE CLIMÁTICA
23	ANÁLISE DAS CULTURAS
23	ALGODÃO
34	ARROZ
44	FEIJÃO
69	MILHO
90	SOJA
96	TRIGO
106	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
118	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

Com a atualização da estimativa da safra de grãos 2025/26, baseada na pesquisa de campo, realizada no final de julho, a produção brasileira de grãos está estimada em 360,8 milhões de toneladas, representando um incremento de 2,4% em relação à safra anterior, equivalente a 8,5 milhões de toneladas. Os principais destaques são as culturas de soja, com aumento de 9 milhões de toneladas, do milho, com acréscimo de 1,8 milhão de toneladas e do sorgo, cuja produção deverá crescer 1,3 milhão de toneladas. Em contrapartida, trigo, arroz e feijão, apresentam as maiores reduções de produção em comparação à safra anterior.

No período analisado, as culturas de primeira safra, com exceção do algodão, já haviam concluído a colheita. Entre as culturas de segunda safra, a colheita do feijão permanecia em andamento, enquanto a do milho apresentava 58,3% da área colhida, com a maior parte das lavouras ainda na fase de maturação. As culturas de terceira safra e as de inverno encontravam-se em diversos estádios de desenvolvimento, desde as fases iniciais até a colheita.

A área cultivada está estimada em 83,5 milhões de hectares, representando um crescimento de 2,1% em relação à safra anterior, o equivalente a um acréscimo de 1,7 milhão de hectares cultivados. Os maiores avanços são observados na soja, com crescimento de 1,3 milhão de hectares, ou 2,7% acima

da safra anterior, no milho, com aumento de 760 mil hectares, ou 3,5%, e no sorgo, cuja área cultivada deverá crescer 536,7 mil hectares, correspondendo a uma expansão de 32,9%. Em sentido oposto, o trigo apresenta redução de 20,4% (499,1 mil hectares), o arroz recua 14% (246,2 mil hectares), e o feijão registra diminuição de 6% (161,4 mil hectares).

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

toneladas. A terceira safra, predominantemente cultivada em áreas irrigadas na Região Centro-Sul e em áreas de sequeiro na Região Nordeste, está estimada em 681 mil toneladas, com lavouras entre desenvolvimento vegetativo e o início da colheita.

seguida pela Região Sul, com 43,8 milhões de toneladas, ou 24,2%, e pelos estados do Matopiba, com 25,4 milhões de toneladas, equivalente a 14,1% da produção de soja no país.

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2024/25 e 2025/26					
Produto	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.085,6	2.018,3	(3,2)	2.776	2.870	3,4	5.789,9	5.792,7	-
ALGODÃO - PLUMA	2.085,6	2.018,3	(3,2)	1.957	2.024	3,4	4.081,5	4.084,6	0,1
AMENDOIM TOTAL	280,4	282,0	0,6	4.136	4.546	9,9	1.159,7	1.281,8	10,5
Amendoim 1ª Safra	273,1	274,8	0,6	4.202	4.621	10,0	1.147,6	1.269,7	10,6
Amendoim 2ª Safra	7,3	7,2	(1,4)	1.662	1.687	1,5	12,1	12,1	-
ARROZ	1.763,9	1.517,7	(14,0)	7.233	7.302	1,0	12.757,7	11.082,2	(13,1)
Arroz sequeiro	394,6	253,2	(35,8)	2.935	2.549	(13,1)	1.158,2	645,4	(44,3)
Arroz irrigado	1.369,3	1.264,5	(7,7)	8.471	8.254	(2,6)	11.599,5	10.436,8	(10,0)
FEIJÃO TOTAL	2.693,0	2.531,6	(6,0)	1.136	1.170	2,9	3.059,9	2.961,2	(3,2)
FEIJÃO 1ª SAFRA	908,5	793,0	(12,7)	1.170	1.228	5,0	1.062,7	973,9	(8,4)
Cores	347,3	333,2	(4,1)	1.707	1.806	5,8	592,8	601,7	1,5
Preto	169,0	116,2	(31,2)	1.953	1.761	(9,8)	330,2	204,6	(38,0)
Caupi	392,2	343,6	(12,4)	356	488	36,9	139,7	167,5	19,9
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.400,1	1.356,7	(3,1)	953	963	1,1	1.333,6	1.306,3	(2,0)
Cores	294,6	286,7	(2,7)	1.499	1.593	6,3	441,6	456,9	3,5
Preto	286,6	184,5	(35,6)	1.616	1.435	(11,2)	463,2	264,7	(42,9)
Caupi	818,9	885,5	8,1	524	660	26,1	428,9	584,9	36,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	384,4	381,9	(0,7)	1.726	1.783	3,3	663,7	681,0	2,6
Cores	326,5	328,8	0,7	1.881	1.946	3,5	614,2	639,7	4,2
Preto	14,1	14,3	1,4	1.268	1.137	(10,3)	17,9	16,3	(8,9)
Caupi	43,8	38,8	(11,4)	721	643	(10,8)	31,6	24,9	(21,2)
GERGELIM	608,0	570,0	(6,3)	657	602	(8,3)	399,4	343,3	(14,0)
GIRASSOL	61,9	77,6	25,4	1.622	1.298	(20,0)	100,4	100,6	0,2
MAMONA	69,6	70,7	1,6	1.437	1.712	19,1	100,0	121,1	21,0
MILHO TOTAL	21.838,0	22.598,0	3,5	6.464	6.326	(2,1)	141.157,6	142.955,0	1,3
Milho 1ª Safra	3.772,6	4.100,4	8,7	6.610	7.191	8,8	24.935,8	29.486,1	18,2
Milho 2ª Safra	17.430,3	17.819,7	2,2	6.496	6.231	(4,1)	113.228,4	111.030,9	(1,9)
Milho 3ª Safra	635,1	677,9	6,7	4.714	3.596	(23,7)	2.993,6	2.438,0	(18,6)
SOJA	47.346,1	48.610,3	2,7	3.622	3.712	2,5	171.480,5	180.463,5	5,2
SORGO	1.632,0	2.168,7	32,9	3.739	3.396	(9,2)	6.102,2	7.365,5	20,7
SUBTOTAL	78.378,5	80.444,9	2,6	4.365	4.381	0,4	342.107,3	352.466,9	3,0
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	545,8	531,8	(2,6)	2.368	2.283	(3,6)	1.292,3	1.214,2	(6,0)
CANOLA	211,9	370,7	74,9	1.627	1.620	(0,4)	344,8	600,6	74,2
CENTEIO	2,1	2,3	9,5	2.381	2.261	(5,0)	5,0	5,2	4,0
CEVADA	139,2	152,9	9,8	4.358	4.022	(7,7)	606,6	614,9	1,4
TRIGO	2.445,9	1.946,8	(20,4)	3.219	2.986	(7,2)	7.873,4	5.813,1	(26,2)
TRITICALE	11,4	11,9	4,4	3.211	2.950	(8,1)	36,6	35,1	(4,1)
SUBTOTAL	3.356,3	3.016,4	(10,1)	3.027	2.746	(9,3)	10.158,7	8.283,1	(18,5)
BRASIL (2)	81.734,8	83.461,3	2,1	4.310	4.322	0,3	352.266,0	360.750,0	2,4

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em agosto/2026.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2024/25 e 2025/26		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	5.958,4	6.272,5	5,3	3.804	3.901	2,6	22.664,3	24.470,7	8,0
RR	171,9	183,8	6,9	4.027	3.986	(1,0)	692,3	732,6	5,8
RO	1.242,8	1.209,4	(2,7)	4.369	4.367	(0,1)	5.429,7	5.281,0	(2,7)
AC	68,7	72,9	6,1	3.082	3.299	7,1	211,7	240,5	13,6
AM	28,6	34,5	20,6	3.024	2.881	(4,7)	86,5	99,4	14,9
AP	14,0	15,3	9,3	2.143	2.294	7,1	30,0	35,1	17,0
PA	2.023,8	2.258,7	11,6	3.480	3.694	6,2	7.042,0	8.344,5	18,5
TO	2.408,6	2.497,9	3,7	3.808	3.898	2,4	9.172,1	9.737,6	6,2
NORDESTE	10.041,6	10.218,1	1,8	3.129	3.330	6,4	31.420,6	34.026,4	8,3
MA	2.257,6	2.323,1	2,9	3.895	3.894	-	8.792,4	9.045,3	2,9
PI	1.942,6	1.998,7	2,9	3.221	3.792	17,7	6.258,0	7.580,0	21,1
CE	938,7	901,1	(4,0)	379	976	157,4	356,1	879,9	147,1
RN	112,6	108,2	(3,9)	274	465	70,0	30,8	50,3	63,3
PB	224,2	192,2	(14,3)	388	514	32,3	87,0	98,7	13,4
PE	370,7	366,4	(1,2)	947	882	(6,9)	351,1	323,1	(8,0)
AL	59,3	57,9	(2,4)	3.578	2.404	(32,8)	212,2	139,2	(34,4)
SE	194,7	194,5	(0,1)	6.738	4.472	(33,6)	1.311,9	869,8	(33,7)
BA	3.941,2	4.076,0	3,4	3.558	3.690	3,7	14.021,1	15.040,1	7,3
CENTRO-OESTE	36.724,5	37.894,7	3,2	4.882	4.733	(3,1)	179.286,7	179.348,8	-
MT	22.300,1	22.835,8	2,4	5.040	5.034	(0,1)	112.395,7	114.962,3	2,3
MS	6.645,0	6.894,8	3,8	4.303	4.398	2,2	28.596,4	30.321,2	6,0
GO	7.593,0	7.971,4	5,0	4.921	4.155	(15,6)	37.363,1	33.121,9	(11,4)
DF	186,4	192,7	3,4	4.997	4.896	(2,0)	931,5	943,4	1,3
SUDESTE	6.994,0	7.157,0	2,3	4.311	4.394	1,9	30.153,3	31.449,8	4,3
MG	4.298,0	4.384,3	2,0	4.283	4.354	1,6	18.408,6	19.087,3	3,7
ES	25,2	25,0	(0,8)	2.829	2.720	(3,9)	71,3	68,0	(4,6)
RJ	2,8	2,4	(14,3)	3.286	3.458	5,3	9,2	8,3	(9,8)
SP	2.668,0	2.745,3	2,9	4.372	4.475	2,4	11.664,2	12.286,2	5,3
SUL	22.016,3	21.919,0	(0,4)	4.031	4.172	3,5	88.741,1	91.454,3	3,1
PR	9.954,9	10.421,3	4,7	4.491	4.512	0,5	44.710,3	47.023,2	5,2
SC	1.429,0	1.413,5	(1,1)	5.690	5.623	(1,2)	8.131,3	7.947,6	(2,3)
RS	10.632,4	10.084,2	(5,2)	3.376	3.618	7,2	35.899,5	36.483,5	1,6
NORTE/NORDESTE	16.000,0	16.490,6	3,1	3.380	3.547	4,9	54.084,9	58.497,1	8,2
CENTRO-SUL	65.734,8	66.970,7	1,9	4.536	4.513	(0,5)	298.181,1	302.252,9	1,4
BRASIL	81.734,8	83.461,3	2,1	4.310	4.322	0,3	352.266,0	360.750,0	2,4

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em agosto/2026.



INTRODUÇÃO

A Conab apresenta o décimo primeiro levantamento da safra 2025/26, que mantém a estimativa de aumento da produção de grãos em relação à safra anterior. A colheita das culturas de primeira safra está praticamente concluída, enquanto a das culturas de segunda safra segue avançando, com parte significativa das lavouras ainda em maturação. A semeadura das culturas de terceira safra foi concluída, com lavouras em diferentes estádios de desenvolvimento e início da colheita em algumas regiões.

A semeadura das culturas de inverno está praticamente finalizada, e a colheita já foi iniciada em alguns estados.

Registra-se o agradecimento aos colaboradores da Conab situados em todas as Unidades da Federação e pelo levantamento das informações que fundamentam este boletim. Também foi destacada a contribuição de diversas entidades, tanto públicas quanto privadas, ao fornecer dados para a estimativa da safra brasileira de grãos.

As estimativas da produção refletem a expectativa de produção no mês anterior à publicação do boletim, levando em consideração as condições climáticas esperadas até o final do cultivo. No entanto, sempre há a

possibilidade de alteração nos números em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.

Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, por meio de interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e mediante investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direta nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas

pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos e situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa [planilha de safra](#). Recomendamos a leitura do [Boletim de Monitoramento Agrícola](#) e do [Progresso de Safra](#) para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE JULHO

Em julho de 2026, as chuvas foram acima de 150 mm no centro-sul da Região Sul e em áreas pontuais no Rio Grande do Norte e Amapá. Na faixa que se estende do norte da Região Norte até o noroeste do Maranhão, além do leste da Região Nordeste e a divisa entre Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul, os volumes de chuva variaram entre 50 mm e 100 mm. Nas demais áreas, os valores foram inferiores a 40 mm, reduzindo os níveis de umidade do solo.

Na Região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 50 mm no norte da região. Em áreas pontuais do Amapá, Pará e Amazonas, os acumulados ultrapassaram os 100 mm. Este cenário favoreceu a manutenção dos níveis de umidade do solo. Nas demais áreas, as chuvas foram inferiores a 40 mm, reduzindo o armazenamento hídrico.

Na Região Nordeste, as chuvas foram acima de 100 mm no leste da região. Volumes entre 40 mm e 70 mm foram observados no noroeste do Maranhão. Nestas áreas, o armazenamento de água no solo se manteve favorável. Já no

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet – Brasília.

interior da região, os valores não ultrapassaram os 40 mm, havendo redução dos níveis de umidade do solo, principalmente na região do Matopiba. Este cenário favoreceu a qualidade da fibra do algodão.

Os maiores volumes de chuva na Região Centro-Oeste foram registrados no sudeste de Mato Grosso do Sul, com acumulados abaixo de 40 mm. Em Mato Grosso do Sul, a umidade disponível no solo foi suficiente para as lavouras de trigo. Nas demais áreas, foram registrados baixos volumes de chuva, e em algumas localidades não houve registro de chuva, acarretando em redução dos níveis de umidade do solo. Tais condições permaneceram favoráveis para a maturação e a colheita do algodão e do milho segunda safra.

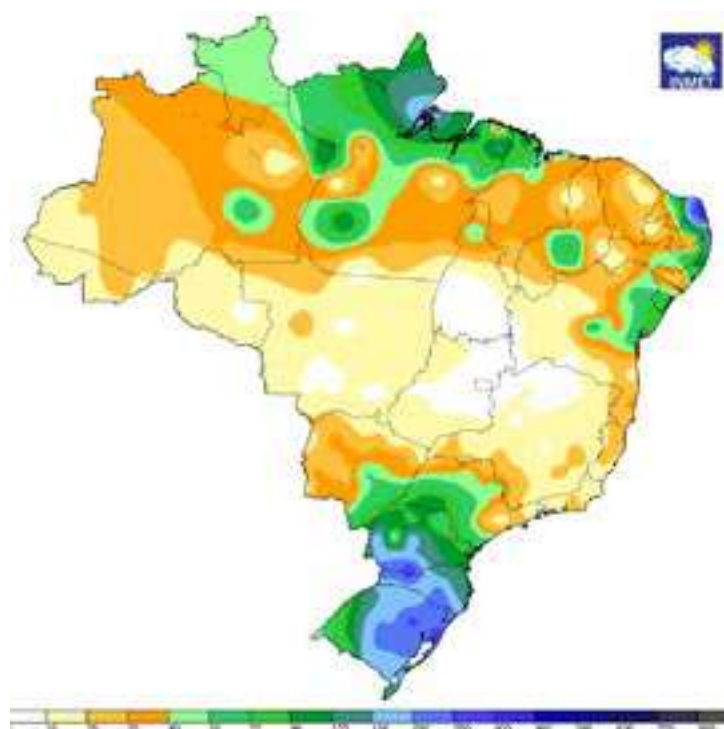
Os acumulados de chuva foram inferiores a 30 mm em grande parte da Região Sudeste, com exceção do centro-sul de São Paulo, onde os volumes ficaram acima de 60 mm, reduzindo os níveis de umidade do solo. No geral, as condições seguem favoráveis para a maturação e a colheita dos cultivos de segunda safra e inverno.

Na Região Sul, os volumes de chuva foram superiores a 150 mm no centro-leste do Rio Grande do Sul, grande parte de Santa Catarina e sudoeste do Paraná. No restante da região, os acumulados de chuva variaram entre 70 mm e 100 mm. Estas condições mantiveram elevados os níveis de umidade do solo em grande parte da região. As temperaturas mais amenas beneficiaram o desenvolvimento inicial das lavouras de trigo.

Em julho, as temperaturas máximas permaneceram acima de 30 °C na Região Norte, centro-oeste da Região Nordeste e parte da Região Centro-Oeste. Já no leste da Região Nordeste, no sul de Mato Grosso do Sul, no leste de Goiás, no Distrito Federal, bem como, nas Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas máximas foram inferiores a 28 °C.

Em relação às temperaturas mínimas, os valores superaram 22 °C na parte norte das Regiões Norte e Nordeste. Nas Regiões Sul e Sudeste, além de áreas do centro-leste de Mato Grosso do Sul, grande parte de Goiás, Distrito Federal e sul da Bahia, as mínimas ficaram abaixo de 16 °C, refletindo em condições mais amenas. Destacam-se, ainda, episódios de frio em julho, com registro de temperaturas próximas e abaixo de zero em áreas mais elevadas das regiões sul e sudeste, bem como, no sul de Mato Grosso do Sul e de São Paulo, associados à atuação de duas massas de ar polar.

FIGURA 1 -ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM JULHO DE 2026



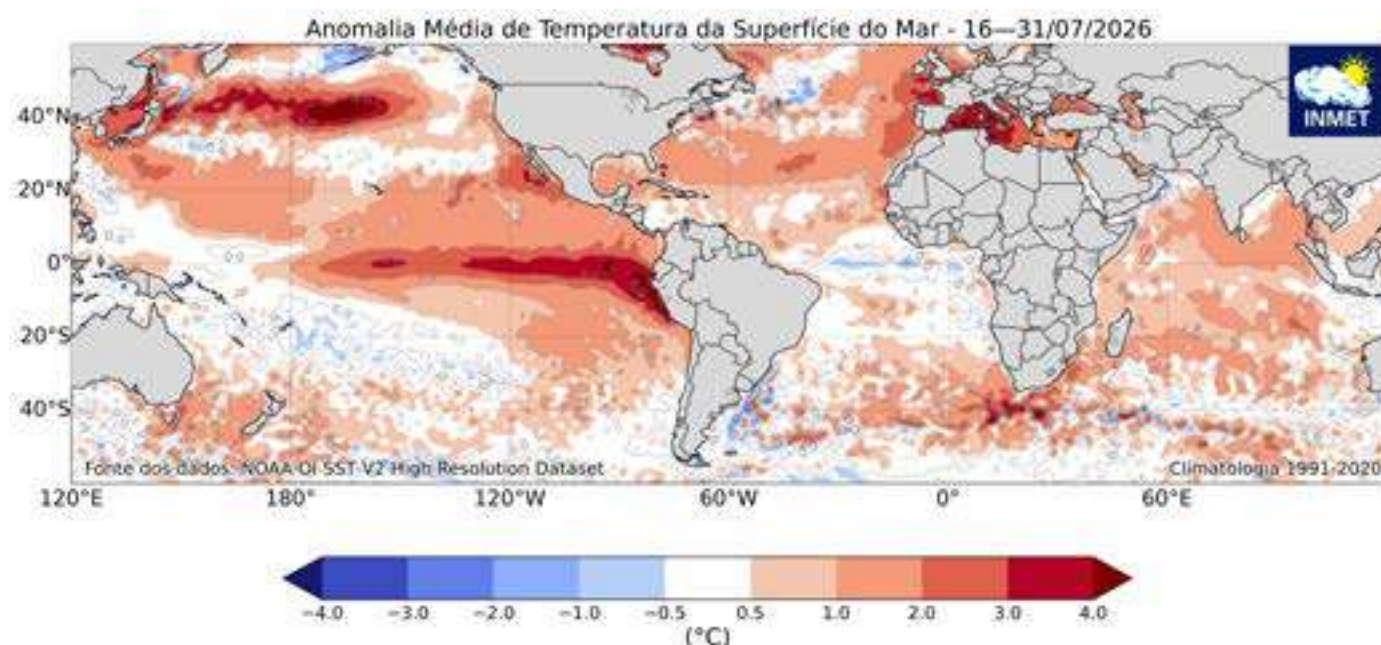
Fonte: Inmet.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura abaixo, observa-se a anomalia da Temperatura da Superfície do Mar (TSM) no período de 16 a 31 de julho de 2026. Nesse intervalo, foram registrados valores acima de 2 °C ao longo da faixa longitudinal compreendida entre 80°W e 170°W, indicando temperaturas acima da

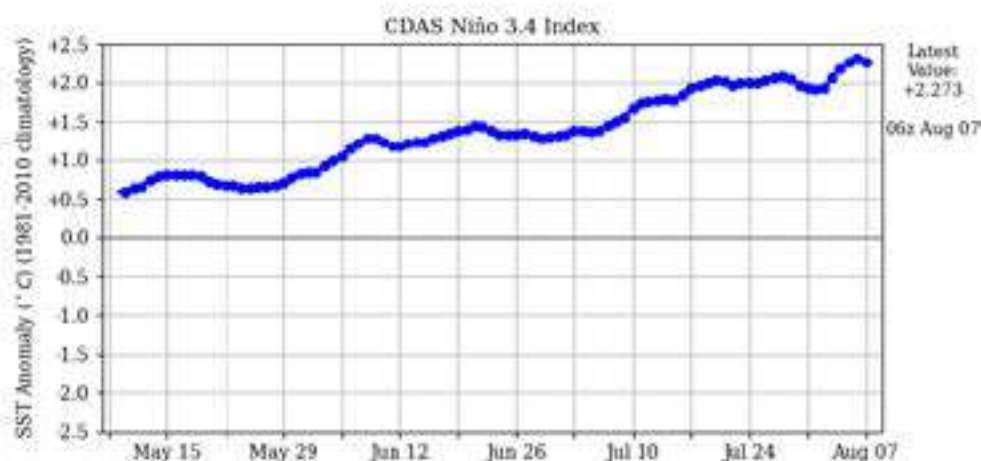
média climatológica. As águas mais aquecidas concentraram-se na costa oeste da América do Sul, entre 80°W e 100°W, onde as anomalias variaram entre 3 °C e 4 °C. Ao analisar especificamente as anomalias médias diárias de TSM na região do Niño 3.4, delimitada entre 170°W e 120°W, verificaram-se valores positivos e acima 2 °C na segunda quinzena de julho, sinalizando o início das condições de El Niño de intensidade forte.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 31 DE JULHO DE 2026



Fonte: NOAA.

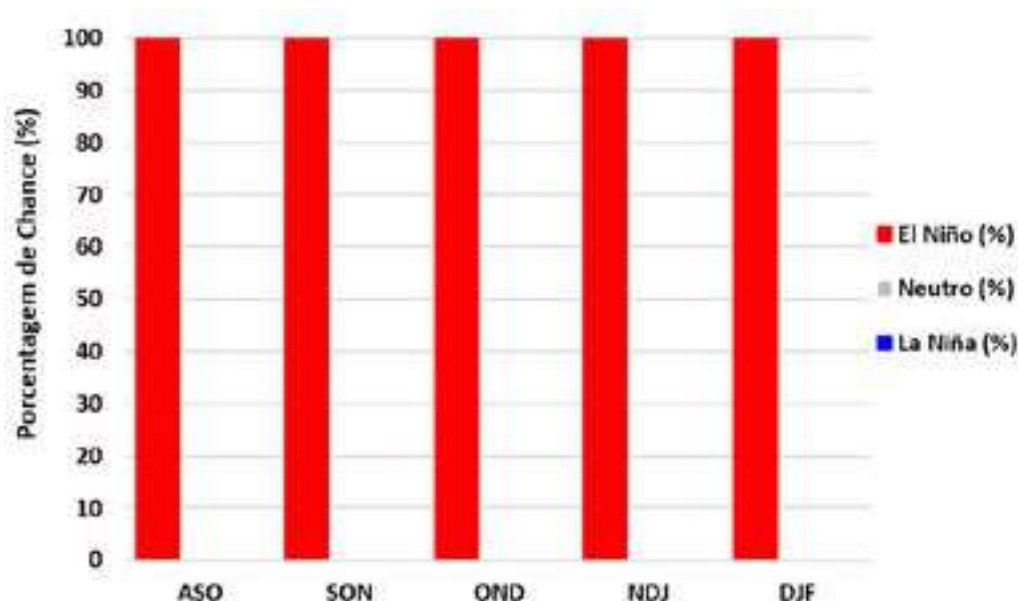
GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta para a persistência das condições de El Niño (fase quente), durante o trimestre agosto, setembro e outubro de 2026, com probabilidade de 100%

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

1.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO AGOSTO, SETEMBRO E OUTUBRO DE 2026

As previsões climáticas para os próximos três meses, de acordo com o modelo do INMET, são apresentadas na figura abaixo. O modelo indica a ocorrência de chuvas acima da média em grande parte da Região Sul, sul de Mato Grosso do Sul, grande parte de São Paulo, além de áreas pontuais da parte norte do país. Nas demais áreas, são previstas chuvas próximas ou abaixo da média.

Analisando separadamente cada região do país, a previsão indica chuvas abaixo da média em grande parte da Região Norte, reduzindo os níveis de

umidade no solo. Por outro lado, são previstas chuvas ligeiramente acima em Rondônia e Amazonas, além do noroeste do Pará. Desta forma, os níveis mais elevados de umidade do solo devem permanecer no noroeste da região amazônica.

Na maior parte da Região Nordeste, principalmente no interior, a previsão indica chuvas abaixo da média, condição que mantém os baixos níveis de umidade do solo. Chuvas acima da média podem ocorrer na parte costeira do Maranhão e Ceará. Porém, a estação chuvosa da costa leste poderá manter o armazenamento do solo favorável em agosto e setembro.

Para a Região Centro-Oeste, a previsão indica irregularidade das chuvas, com predomínio de chuvas abaixo da média, exceto em áreas do sul de Mato Grosso do Sul e de Goiás, além do oeste de Mato Grosso, onde os volumes de chuva podem ficar próximos ou acima da média.

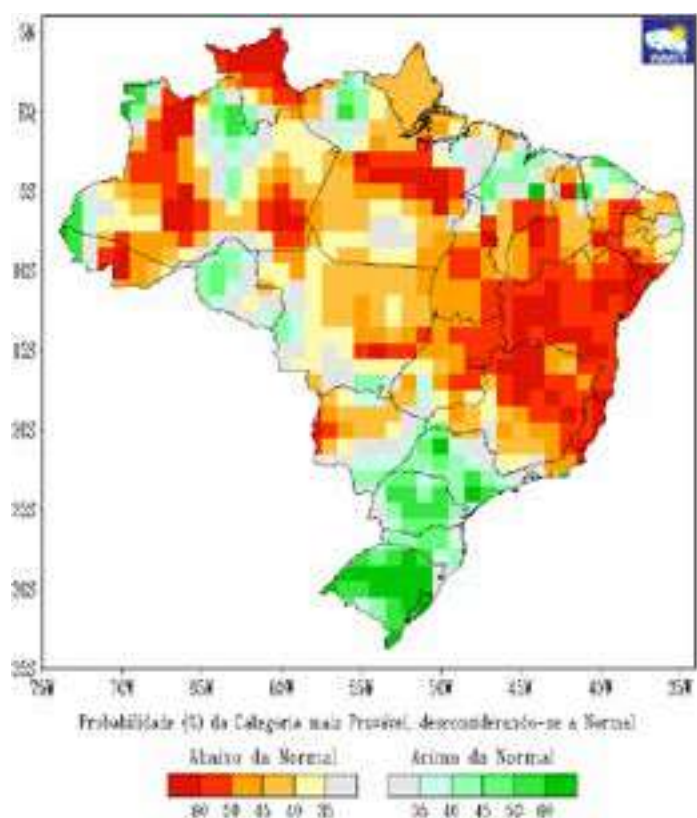
Na Região Sudeste, a tendência é de chuvas abaixo da média em grande parte de Minas Gerais, do Espírito Santo e no centro-norte do Rio de Janeiro. Em São Paulo e sul do Rio de Janeiro, os acumulados previstos podem variar entre valores próximos ou acima da média.

Na Região Sul, a previsão indica chuvas acima da média ao longo do trimestre. De modo geral, os níveis de umidade no solo deverão permanecer adequados para o desenvolvimento das culturas. No entanto, a persistência de eventos de chuva poderá favorecer a ocorrência de excesso hídrico em áreas da porção central e serrana da Região Sul, elevando o risco de encharcamento do solo e dificultando as operações de campo.

As temperaturas médias do ar devem permanecer acima da média histórica em grande parte do país. Valores superiores a 27 °C são previstos em grande parte da Região Norte e centro-norte da Região Nordeste. Na Região Centro-

Oeste, os valores devem variar entre 22 °C e 27 °C, assim como, no oeste de São Paulo e no norte de Minas Gerais. Nas demais áreas, são previstas temperaturas mais amenas e inferiores a 22 °C. Destacam-se, ainda, as áreas de maior altitude das Regiões Sul e Sudeste, onde as temperaturas podem ficar abaixo de 15 °C, especialmente durante a atuação de massas de ar frio.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE AGOSTO, SETEMBRO E OUTUBRO DE 2026



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do [site do Inmet](#).

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

2.018,3 mil ha
- 3,2%

PRODUTIVIDADE

2.024 kg/ha
+ 3,4%

PRODUÇÃO

4.084,6 mil t
+ 0,1%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.907	3.169,9
2023/24	1.944,2	1.904	3.701,4
2024/25	2.085,6	1.957	4.081,5
2025/26	Jul./26	2.018,6	4.059,8
	Ago./26	2.018,3	4.084,6

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A produtividade do algodão se configura como a maior da série histórica nesta safra. Estimada em 2.024 kg/ha de pluma, representa incremento de 3,4% em relação ao ciclo passado e sustenta a produção nacional em 4.084,6 mil toneladas, volume 0,6% superior ao previsto no levantamento anterior e 0,1% acima do obtido na safra 2024/25, mesmo diante da retração de 3,2% na área cultivada.

A colheita ultrapassa os 15% da área nacional neste levantamento, com as áreas remanescentes predominantemente em maturação, restando parcelas reduzidas em outros estádios de desenvolvimento, com destaque para as lavouras irrigadas da Bahia e de Goiás, ainda em formação de maçãs.

A área cultivada apresenta leve redução em relação ao levantamento anterior, com ajustes verificados na Bahia, em Mato Grosso do Sul e no Ceará.

Os demais ajustes concentraram-se na produtividade. Os incrementos verificados no Maranhão, em Goiás, em Mato Grosso e em Rondônia, decorrentes da apuração das primeiras áreas colhidas, superaram as reduções registradas no Ceará e na Paraíba, elevando o rendimento médio nacional de 2.011 kg/ha para 2.024 kg/ha de pluma.

As operações avançam na maior parte dos estados produtores, com Paraná e Pará já concluídos e São Paulo em fase final durante esse levantamento. Em contrapartida, a Paraíba apresenta situação distinta, com apenas parte da intenção de plantio efetivada e lavouras distribuídas entre diferentes estádios fenológicos, com predominância da floração.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a colheita avança em todas as macrorregiões produtoras, favorecida pelo predomínio de tempo firme e pela elevação das temperaturas, condição que tem contribuído para a abertura uniforme dos capulhos e para a preservação da qualidade da fibra.

As oscilações térmicas e as chuvas registradas entre maio e junho, atípicas para o período, favoreceram a retenção e o desenvolvimento das estruturas reprodutivas, inclusive no terço superior das plantas, sustentando elevadas expectativas de produtividade.

No aspecto fitossanitário, o complexo de lagartas, com destaque para *Spodoptera*, e o bicudo-do-algodoeiro permanecem como principais alvos do manejo, com as estratégias de controle concentradas na mitigação do bicudo nesta fase final do ciclo. Até o momento, não há relatos de impactos significativos sobre a produtividade ou sobre a qualidade da fibra. Diante do desempenho observado, a produtividade foi elevada em relação ao levantamento anterior.

Bahia: em relação à safra passada, registra-se aumento da área cultivada, resultado da expansão das lavouras irrigadas em contraponto à retração das áreas de sequeiro. A redução do cultivo de sequeiro está associada ao maior risco climático e às menores cotações observadas no momento da semeadura, enquanto a ampliação das áreas irrigadas reflete a recuperação recente dos preços no mercado internacional.

As condições climáticas ao longo do ciclo favoreceram o desenvolvimento vegetativo e reprodutivo das lavouras, e a redução das precipitações, associada ao predomínio de tempo firme, criou condições favoráveis à maturação,

sem registro de perdas por adversidades climáticas ou por problemas fitossanitários.

As áreas de sequeiro encontram-se, predominantemente, em maturação e colheita, enquanto as irrigadas permanecem em enchimento de maçãs, com bom desenvolvimento. A produtividade mantém expectativa favorável, sustentada pelo elevado nível tecnológico empregado.

Piauí: as condições climáticas foram novamente favoráveis nesta safra, contribuindo para a adequada implantação e o bom desenvolvimento das lavouras. Confirma-se o aumento da área cultivada em relação à estimativa inicial, assim como a perspectiva de maior produtividade, sustentada pelo bom desempenho das lavouras e pela ampliação das áreas irrigadas.

A colheita avança e alcança parcela expressiva da área cultivada, enquanto o restante das lavouras permanece em maturação, com abertura de capulhos.

Minas Gerais: as lavouras apresentaram bom desenvolvimento ao longo da safra, favorecidas pelas chuvas satisfatórias desde dezembro e pela maior participação de áreas irrigadas, fator que sustenta a expectativa de produtividade superior à do ciclo anterior.

A colheita avança e deverá ganhar ritmo nas próximas semanas, impulsionada pelo elevado número de áreas já dessecadas e aptas às operações de campo. Em razão do atraso na colheita da soja, o plantio do algodão irrigado ocorreu em janela mais ampla, resultando em parte das lavouras em estádios mais tardios, nas quais o manejo com reguladores de crescimento foi amplamente adotado para limitar o desenvolvimento vegetativo e favorecer o enchimento das maçãs.

Quanto à qualidade da fibra, a expectativa permanece positiva, favorecida pelas condições secas durante a abertura dos capulhos.

Mato Grosso do Sul: na região centro, as chuvas regulares mantiveram condições favoráveis ao desenvolvimento das lavouras, sem riscos de perdas significativas. Nos Chapadões, o retorno das precipitações restabeleceu a umidade do solo, beneficiando, principalmente, os cultivos mais tardios. Nas regiões norte e nordeste, as condições climáticas favoreceram o desfolhamento das áreas mais adiantadas e o avanço da colheita, que já alcança metade da área cultivada.

As lavouras apresentam boas condições e mantêm o potencial produtivo. No aspecto fitossanitário o bicudo-do-algodoeiro permanece como principal alvo de monitoramento, em razão do potencial de danos às maçãs, e o clima mais seco favoreceu o aumento da população de pulgões, exigindo intervenções de controle para evitar prejuízos aos capulhos.

Goiás: a área cultivada foi mantida em relação ao levantamento anterior, contemplando tanto as lavouras de sequeiro quanto as irrigadas.

A maior parte das áreas encontra-se em maturação, e a colheita avança, com destaque para a região leste do estado, onde as lavouras apresentam boa produtividade e uniformidade. No extremo-sul, as lavouras apresentam, de modo geral, boas condições de desenvolvimento. Entretanto, as chuvas registradas no último decêndio de junho atingiram parte das áreas já desfolhadas e próximas da colheita, ocasionando redução da qualidade visual da pluma, sem impactos sobre a produtividade, uma vez que não houve queda significativa de maçãs.

Nas lavouras de sequeiro, a disponibilidade hídrica foi suficiente para o adequado desenvolvimento da cultura até o final do ciclo. Diante

do desempenho verificado, a produtividade foi elevada em relação ao levantamento anterior.

Maranhão: o cultivo da primeira safra concentra-se nos municípios de Balsas, Tasso Fragoso e Alto Parnaíba, no sul do estado, com implantação realizada entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026.

A colheita avança e alcança metade da área cultivada, com as áreas remanescentes em maturação, apresentando adequada formação das estruturas reprodutivas, elevado pegamento de maçãs e boas condições fitossanitárias. Nesta fase, intensificam-se as operações de desfolha, prática que uniformiza a maturação, reduz impurezas na pluma e favorece a eficiência da colheita e a qualidade da fibra.

O monitoramento fitossanitário permanece constante, com atenção para a mosca-branca, pulgão-do-algodoeiro, bicudo-do-algodoeiro e lagartas do complexo *Spodoptera*, com todas as ocorrências sob controle.

A segunda safra, implantada entre o final de janeiro e o início de fevereiro, encontra-se entre a fase final de enchimento de maçãs e a maturação, tendo a deficiência hídrica observada entre o final de abril e maio, provocando estresse em parte das áreas.

Considerando o desempenho da primeira safra, que responde pela maior parte da área do estado, a produtividade foi elevada em relação ao levantamento anterior.

Tocantins: na primeira safra, a redução das chuvas em junho, especialmente nas regiões norte e nordeste do estado, favoreceu a conclusão das fases finais da cultura. No município de Dianópolis, a colheita avança, e as lavouras remanescentes encontram-se em maturação.

Na segunda safra, o predomínio de tempo seco também favorece a maturação e a realização das operações de dessecação, contribuindo para a preservação da qualidade da fibra, com a colheita iniciada no município de Nova Rosalândia.

São Paulo: na região sudoeste do estado, a colheita encontra-se em estágio avançado, com pequena parcela da área a ser colhida e mais da metade da produção beneficiada. A produtividade da pluma mantém-se estável, refletindo as boas condições observadas ao longo do ciclo e o adequado manejo das lavouras.

Rondônia: em junho, as condições climáticas consolidaram a transição para o período seco, com predomínio de tempo estável e redução das precipitações. Esse cenário favoreceu a maturação das lavouras, a abertura uniforme dos capulhos e reduziu os riscos de perdas por excesso de umidade, contribuindo para a qualidade da pluma e para o planejamento das operações de colheita. As lavouras encontram-se, predominantemente, em maturação, com a colheita iniciada em parcela reduzida da área.

Ceará: na pré-estação chuvosa, em janeiro, as precipitações ficaram abaixo do esperado, desestimulando parte dos produtores. Nos meses seguintes o regime de chuvas se regularizou, com volumes próximos da média histórica e distribuição mais uniforme ao longo do período. A colheita foi iniciada em algumas localidades, embora a comercialização da produção ainda não tenha começado. Com a apuração das primeiras áreas colhidas, a produtividade foi ajustada em relação ao levantamento anterior.

Paraná: a colheita foi integralmente concluída, concentrada em abril e maio, período em que as condições climáticas favoreceram a retirada das lavouras do campo antes da ocorrência de temperaturas mais baixas e geadas. A produtividade média foi superior à registrada na safra anterior, mantendo-

se a área cultivada em patamar semelhante. As chuvas registradas durante a fase final da colheita, especialmente na região norte, onde se concentra a produção comercial do estado, comprometeram a qualidade da fibra sem impactos relevantes sobre o rendimento das lavouras.

Pará: a janela de plantio foi conduzida de forma a aproveitar o final do período chuvoso e permitir a colheita durante a estiagem. As chuvas regulares no início do ciclo favoreceram o estabelecimento e o desenvolvimento das lavouras, enquanto o período subsequente de tempo seco contribuiu para a maturação, a abertura dos capulhos e a preservação da qualidade da pluma, reduzindo a ocorrência de impurezas e contribuindo para a obtenção de fibra com boa resistência. A colheita já foi concluída, com expectativa de produtividade superior à da safra passada.

Paraíba: o outono paraibano foi marcado por temperaturas elevadas e precipitações entre a média e acima da média histórica nas regiões da Mata e do Agreste, enquanto no Sertão os volumes permaneceram mais baixos, porém dentro da normalidade para o período.

Apenas parte da intenção de plantio foi efetivada, com as lavouras distribuídas entre diferentes estádios fenológicos e predominância da floração. De maneira geral, a condição das áreas varia de regular a ruim, o que se reflete em perdas, associadas, principalmente, a condições de plantio, de manejo e de clima, não tendo sido constatada ocorrência significativa de pragas.

Tanto no Litoral quanto no Sertão, os produtores cultivam algodão em regime de integração com beneficiadoras, que fornecem sementes, assistência técnica, certificação orgânica e garantia de comercialização, enquanto os agricultores contribuem com a área de cultivo e a mão de obra, predominantemente familiar.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2025/2026										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense	0,48			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins	0,29		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	1,57		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra				S	S/E/DV	DV/F	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	1,21		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	17,16	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/FM	DV/FM	DV/F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	52,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,95		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,81		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	11,90		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,53		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,59	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM	FM/M	M	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra	1,06		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,64	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,61		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

Neste período de encerramento do ciclo, a safra brasileira de algodão tem se desenvolvido de forma bastante positiva, sem grandes intercorrências, principalmente de natureza climática. Os problemas fitossanitários são pontuais e estão sob controle, com os produtores realizando o manejo adequado.

A colheita tem se intensificado em todas as regiões, confirmando uma boa produtividade. Diante do exposto, mesmo com uma redução de área de 3,2% em relação à safra 2024/25, o 11º levantamento, da safra 2025/26, realizado pela Conab, prevê que a safra atual deverá atingir o montante de 4,08 milhões de toneladas, valor semelhante ao da safra anterior.

Com um volume recorde acumulado de 1,8 milhão de toneladas no primeiro semestre de 2026, as exportações brasileiras de algodão em pluma permanecem bastante intensas. O produto brasileiro tem sido bem-visto em termos de qualidade e com preço bastante competitivo no mercado mundial.

Esse fator tem contribuído para que o país aumente o volume de suas exportações para destinos já consolidados, ao mesmo tempo em que possibilita a conquista de novos clientes e novos destinos para o seu algodão. Diante do exposto, a expectativa é que as exportações brasileiras de algodão em pluma alcancem o volume de 3,4 milhões de toneladas neste ano de 2026. Esse resultado indica um crescimento de 12% no volume das exportações em relação ao ano de 2025, demonstrando um aumento substancial e relevante.

O consumo doméstico de algodão segue em ritmo de fraco crescimento. Os compradores realizam aquisições pontuais, limitando-se ao estritamente necessário para atender às necessidades imediatas. Ainda assim, projeta-se que o consumo interno atinja 735 mil toneladas neste ano.

Considerando o exposto, projeta-se que o estoque de algodão em pluma brasileiro encerre o ano de 2026 com 2,7 milhões de toneladas, representando uma redução de 1,2% em relação a 2025.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	710,0	1.618,2	2.167,2
2023/24	2.167,2	3.701,1	1,1	5.869,4	695,0	2.774,3	2.400,1
2024/25	2.400,1	4.081,5	0,8	6.482,4	720,0	3.026,0	2.736,4
2025/26	jul/26	2.736,4	4.059,8	1,0	6.797,2	735,0	2.677,2
	ago/26	2.736,4	4.084,6	1,0	6.822,0	735,0	2.703,0

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em agosto/2026.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.517,7 mil ha
- 14,0%

PRODUTIVIDADE

7.302 kg/ha
+ 1,0%

PRODUÇÃO

11.082,2 mil t
-13,1%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20		1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21		1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22		1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23		1.479,6	6.780	10.031,8
2023/24		1.606,6	6.583	10.577,0
2024/25		1.763,9	7.233	12.757,7
2025/26	Jul./26	1.520,0	7.295	11.088,2
	Ago./26	1.517,7	7.302	11.082,2

Fonte: Conab.

Nota: *variação (percentual) em relação à safra passada.

ANÁLISE DA CULTURA

A colheita da safra 2025/26 de arroz está tecnicamente concluída nas principais regiões produtoras do país, como no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Tocantins e Mato Grosso, que, no final de maio, já estavam com a colheita finalizada. Há áreas sendo cultivadas ainda conforme seu calendário agrícola, como no cultivo do arroz irrigado no Piauí ou o plantio em áreas de vazante, como nas áreas produtoras no Amazonas.

Confirma-se a estimativa da redução das áreas implantadas nesta safra em comparação com o ciclo anterior, principalmente em razão das condições de mercado do cereal, que influenciaram na decisão do plantio. O desenvolvimento das lavouras em campo foi satisfatório, de uma forma geral, resultando em bons rendimentos dos grãos.

A estimativa se confirma na redução da área de produção, comparando-se com a safra anterior, tanto no cultivo do arroz de sequeiro quanto sob irrigação, sendo a área de arroz irrigado estimada em 1.264,5 mil hectares, enquanto que o arroz de sequeiro a estimativa apontou uma redução significativa, alcançando 253,2 mil hectares nesta safra.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: com a colheita concluída, a safra de arroz irrigado no ciclo 2025/26 apresentou uma área cultivada de 905,2 mil hectares. Quanto à produtividade, a safra é considerada satisfatória e dentro da normalidade, registrando uma média estadual de 8.641 kg/ha. As condições climáticas foram adequadas durante o ciclo de desenvolvimento da cultura, favorecendo bons índices produtivos, além da baixa ocorrência de registros com amplitudes térmicas extremas em campo.

Os resultados foram observados na excelente qualidade dos grãos colhidos, que se destacam pelo alto rendimento de grãos inteiros e pela baixa incidência de defeitos. Com a colheita encerrada, as áreas têm se concentrado nas operações de manejo de pós-colheita, como na sistematização dos quadros e no revolvimento do solo para a incorporação da palhada, prática essencial na aceleração da decomposição.

Santa Catarina: a cultura do arroz irrigado encontra-se com a colheita totalmente concluída em todo o estado. Com boa qualidade dos grãos e

produtividade dentro do esperado, os resultados produtivos permaneceram satisfatórios, e as condições durante a colheita foram favoráveis, no geral, permitindo bom avanço das operações e contribuindo para a qualidade final da produção.

Tocantins: nas áreas com arroz irrigado, primeira safra, após finalizada a colheita, foi realizado o rápido preparo de solo e a semeadura das culturas de segunda safra nas várzeas irrigadas, que ainda com condições de chuvas contínuas teve o plantio estendido dentro da janela de semeadura, apresentando até o momento metade da área já colhida, com bons rendimentos em campo. Para o arroz sequeiro, primeira safra, a colheita já foi finalizada, sendo nas áreas com plantio tardio, especialmente aquelas semeadas em fevereiro, os rendimentos foram inferiores devido à redução das chuvas durante a fase de enchimento dos grãos.



Foto 1 - Arroz irrigado 2ª safra - Maturação - Guaraí-TO

Fonte: Conab.

Maranhão: a área de plantio de arroz do Maranhão foi estimada em 61 mil hectares, devido a ajustes na área de produção no sul do estado. A produtividade estimada foi também com redução, em relação ao ciclo anterior, devido à diminuição de área de cultivo com uso de alta tecnologia, além da ocorrência de fatores climáticos adversos, como falta de chuvas no plantio, entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026, e alta umidade no período da colheita. Para o cultivo de arroz irrigado no estado, o plantio ocorreu na última semana de junho de 2025 e foi finalizado em dezembro de 2025, correspondendo a aproximadamente 6% da área de produção de arroz total.

A colheita do arroz irrigado foi realizada entre outubro de 2025 e janeiro de 2026, confirmando então a redução de área plantada nesta safra. Já o plantio do arroz de sequeiro ocorreu entre dezembro de 2025 e meados de fevereiro de 2026, enquanto que a colheita foi iniciada em abril de 2026, já sendo finalizada em todas as regiões do estado. Houve incidência de brusone, doença fúngica, em razão da alta umidade, gerando redução da produtividade de algumas áreas.

A área de plantio apresentou uma significativa retração em todas as regiões produtoras, em diferentes proporções, devido, principalmente, aos preços do produto no mercado, o que desestimulou o plantio, ocorrendo substituição para culturas consideradas mais rentáveis, como soja ou milho.

Na região sul do estado, áreas tradicionais de arroz foram abandonadas devido à falta de chuvas, ocorrendo a substituição pelo cultivo da soja em algumas outras regiões. Outro fator a ser considerado, para a redução de plantio, é a diminuição ou mesmo ausência de abertura de novas áreas de cultivo, quando utilizam o arroz como cultura pioneira. Além disso, a menor intenção de plantio tem ocorrido devido à dificuldade na comercialização e

custos de produção, principalmente quando relacionado às pequenas áreas de produção da agricultura familiar.

Piauí: para o cultivo do arroz irrigado, o período de plantio no estado inicia em maio e já foi concluído, com as lavouras em bom desenvolvimento vegetativo. Para esta safra, deve manter uma área similar à da safra anterior, mas com provável redução. Já o cultivo em sequeiro ocorre geralmente nas áreas da agricultura familiar e com maior frequência na região semiárida do estado, porém tem-se observado a implantação da cultura também na região norte em aberturas de áreas para cultivo de soja.

Nesta safra, confirma-se uma redução de área de aproximadamente 9% em relação à safra anterior, redução atribuída ao deficit hídrico no sudeste do estado. A colheita já está finalizada, registrando um aumento de produtividade em 7%, atribuído ao bom desenvolvimento das lavouras no sudoeste, centro-norte e norte do estado.

Rondônia: houve a redução expressiva das chuvas, predomínio de dias ensolarados e temperaturas dentro dos padrões normais para a época, no cultivo do arroz de sequeiro de segunda safra no estado. As temperaturas permaneceram adequadas para o desenvolvimento da cultura, variando entre 20 °C a 33 °C, favorável para as plantas e contribuindo para a qualidade dos grãos, assim como para a redução de problemas fitossanitários, enquanto as áreas mais tardias dependeram da umidade residual do solo para manter o bom desenvolvimento das lavouras, com grande parte das áreas cultivadas avançando para as fases reprodutivas finais.

Contudo, do total de áreas previstas para 2025/26, o plantio não alcançou a previsão e consolidou numa queda drástica na área de produção, comparando-se com a estimativa inicial. As lavouras já foram colhidas.

Goiás: a colheita do arroz em Goiás está finalizada. A área total cultivada manteve-se inalterada em relação ao levantamento anterior, sendo 22,3 mil hectares de arroz irrigado e 1,5 mil hectares em sequeiro.

As produtividades médias obtidas foram de 2.400 kg/ha para o arroz de sequeiro, sendo condicionadas sobretudo pela distribuição irregular das chuvas ao longo do ciclo, apesar das precipitações na fase inicial terem favorecido o bom estabelecimento da cultura, as chuvas na etapa final do ciclo comprometeram um pouco a qualidade dos grãos. Em relação ao arroz irrigado, o controle fitossanitário mostrou-se eficiente no manejo em campo, e a baixa umidade relativa do ar contribuiu para a menor incidência de doenças fúngicas nas lavouras. Os principais municípios produtores de arroz concentram-se principalmente nas regiões sul, oeste e norte do estado, além de pequenas áreas na região central.

Pará: o cultivo do arroz de sequeiro de primeira safra já encerrou a colheita, apresentando redução na área em virtude do preço no mercado e os custos de produção, além de ajustes em recuos nas áreas plantadas nas regiões de Paragominas, Redenção e Santarém, assim como a alta oferta de arroz no mercado. Nas áreas de lavouras irrigadas, a colheita já estava encerrada, apresentando boas condições em campo, apesar da alta nebulosidade durante longos períodos de chuva ainda durante a semeadura, porém sem relatos de problemas fitossanitários, como a brusone.

Minas Gerais: as lavouras de arroz encontram-se colhidas no estado. Foi identificado um incremento na área irrigada nos últimos levantamentos, principalmente na região noroeste, ajustando os números finais para a cultura. Desse modo, nesta safra, o arroz de sequeiro produziu 6,6 mil toneladas, numa área total de 2,4 mil hectares, com produtividade de 2.768 kg/ha. Já as lavouras irrigadas produziram 73,4 mil toneladas, numa área de 14,3 mil hectares.

Paraíba: nas lavouras de arroz de sequeiro, as chuvas foram mal distribuídas ao longo da safra. Após intensas chuvas entre abril e maio, houve uma redução nos índices pluviométricos, com o inverno paraibano marcado por chuvas entre normal e abaixo da média histórica, sobretudo nas regiões da mata e agreste do estado.

Amazonas: a maior parte das lavouras encontra-se em desenvolvimento vegetativo, demandando disponibilidade adequada de água no solo, e a continuidade de chuvas abaixo da média e de temperaturas elevadas não limitaram até o momento o desenvolvimento das lavouras. A semeadura do arroz atingiu quase a metade da área prevista e, entre as áreas implantadas, mais da metade encontra-se em desenvolvimento vegetativo, com avanço expressivo da fase de floração.

Contudo, para o cultivo do arroz de sequeiro, as chuvas ficaram abaixo da média para esse período, favorecendo a tendência de plantio em área de vazantes, enquanto as temperaturas permaneceram acima da média no sul do Amazonas, o que pode ter contribuído para limitar o desempenho produtivo. Verificou-se um aumento na área da produção de 39% em relação à safra anterior e 25,5% em relação ao levantamento passado, contudo com a produtividade em queda, ou seja, a produção aumentou devido à área, mas a produtividade sugere uma perda de eficiência e possível reflexo de baixo investimento em um cenário de preços pouco atrativos no mercado do cereal.

Ceará: para o arroz irrigado de segunda safra, as chuvas ficaram dentro da normalidade, garantindo bom aporte de água nos açudes. Assim, não há pressão sobre as culturas irrigadas. Para o arroz de sequeiro segunda safra, com a variação da ocorrência de chuvas nas áreas em produção, pode haver uma queda na área plantada em algumas regiões, devido à pré-estação

chuvosa muito abaixo do esperado, enquanto, em outras áreas, observa-se aumento no rendimento das culturas em relação ao ano anterior, favorecido pela boa distribuição das chuvas.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva			Baixa Restrição - Excesso de Chuva			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Média Restrição - Falta de Chuva			Média Restrição - Excesso de Chuva			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Alta Restrição - Falta de Chuva			Alta Restrição - Excesso de Chuva			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2025/26										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR**	Norte de Roraima	0,67				S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	0,86			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PA	Marajó**	0,68	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C						
TO**	Ocidental do Tocantins	7,17			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	3,57			PS	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MG**	Noroeste de Minas	0,79		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR**	Noroeste Paranaense	1,09		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C	C
SC**	Norte Catarinense	1,38	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Vale do Itajaí	1,93	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sul Catarinense	7,00		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	5,15		S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	3,19		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	15,11		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	28,65		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	14,64		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**) =total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab reduz a estimativa da produção de arroz da safra 2025/26, agora projetada em 11,1 milhões de toneladas. Esse volume representa redução de 13,1% em comparação com a safra anterior, 2024/25, estimada em 12,76 milhões de toneladas. A queda é atribuída à expectativa de diminuição de área plantada (-13,8%) da cultura no ciclo em curso.

Esse cenário é reflexo da forte retração nos preços pagos ao produtor, que tem impactado negativamente a rentabilidade do setor. Assim, há uma tendência clara de redução na área cultivada nos principais estados produtores.

Quanto ao mercado externo, na safra 2024/25 identificou-se um aumento nas exportações brasileiras, que atingiram 1,9 milhão de toneladas. Esse crescimento é impulsionado pelos preços internos baixos e pela oferta nacional excedente. Para a safra seguinte, 2025/26, com a continuidade da ampla oferta no mercado interno, as exportações devem crescer ainda mais, podendo chegar a 2,1 milhões de toneladas.

As importações devem permanecer próximas da estabilidade, com um volume identificado de 1,3 milhão de toneladas na safra 2024/25 e, projetado, na safra 2025/26, no mesmo montante. O consumo interno está estimado em 10,5 milhões de toneladas na safra 2024/25, praticamente inalterado em relação à safra anterior, comportamento refletido na evolução dos parâmetros de comercialização do Rio Grande do Sul, principal estado produtor. Para a safra 2025/26, a expectativa de manutenção de preços atrativos ao consumidor no varejo e a intensificação de campanhas de promoção do consumo interno deverão resultar em leve expansão da demanda nacional, com consumo projetado em 10,8 milhões de toneladas.

Dessa forma, espera-se um aumento nos estoques de passagem ao final da safra 2024/25 (fevereiro de 2026), alcançando 2,2 milhões de toneladas, devido ao excedente de oferta no período. Para 2025/26, a tendência é de queda nos estoques (fevereiro de 2027), com projeção de 1,7 milhão de toneladas.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20		187,6	11.183,4	1.351,1	12.722,1	10.205,7	1.762,4	754,0
2020/21		754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3
2021/22		1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6
2022/23		846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9
2023/24		407,9	10.577,0	1.421,5	12.406,4	10.547,4	1.362,2	496,8
2024/25		496,8	12.757,7	1.317,7	14.572,0	10.500,0	1.883,8	2.188,2
2025/26	jul/26	2.188,2	11.088,2	1.300,0	14.576,4	10.800,0	2.100,0	1.676,4
	ago/26	2.188,2	11.082,2	1.300,0	14.570,4	10.800,0	2.100,0	1.670,4

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em agosto/26.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.531,6 mil ha
-6,0%

PRODUTIVIDADE

1.170 kg/ha
+2,9%

PRODUÇÃO

2.961,2 mil t
-3,2%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Essa cultura possui ampla importância na agricultura nacional, especialmente pela sua relevância na alimentação humana e, em particular, no hábito alimentar dos brasileiros. Seu elevado valor nutricional e o seu “casamento perfeito” com o arroz fazem da cultura uma das graníferas mais abrangentes pelo país, tendo produção nas cinco regiões e praticamente em todos os estados, considerando-se, neste contexto, os três grandes grupos acompanhados pela Companhia: feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi.

Além dos fatores alimentícios, a cultura tem seu apelo agrônomo, principalmente pelo seu ciclo fenológico mais curto, que possibilita ao produtor ajustar melhor o plantio dentro de uma janela reduzida, sem a necessidade de abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2025/26

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		914,5	1.209	1.105,6
2020/21		909,2	1.074	976,4
2021/22		909,3	1.036	941,8
2022/23		857,3	1.116	956,7
2023/24		861,1	1.094	942,3
2024/25		908,5	1.170	1.062,7
2025/26	Jul./26	793,0	1.226	971,9
	Ago./26	793,0	1.228	973,9

Fonte: Conab.

A colheita do feijão primeira safra está finalizada.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2025/26									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PI	Norte Piauiense	0,77						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Centro-Norte Piauiense	0,96						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sudoeste Piauiense	2,36					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudeste Piauiense	2,28						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
PE	Agreste Pernambucano	0,75		S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C				
BA	Extremo Oeste Baiano **	11,68			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia	0,89				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro Norte Baiano	0,71				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro Sul Baiano	2,58				S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	0,69			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
GO	Leste Goiano	5,75			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul Goiano	4,31			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Norte Goiano	2,30			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C			
DF	Distrito Federal	2,44			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			

Continua

Legenda - Condição hídrica				
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2025/26									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
MG	Noroeste de Minas	5,83			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Norte de Minas	1,08				S/E	S/E/DV	F/EG	M/C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,41			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,66			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Oeste de Minas	0,89			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul/Sudoeste de Minas	3,08			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Campo das Vertentes	2,56			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
SP	Zona da Mata	1,39			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Itapetininga**	0,85	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C					
PR	Norte Pioneiro Paranaense	1,41		S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense	4,12		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Oeste Paranaense	1,37		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Sudoeste Paranaense	1,41		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	4,39		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Sudeste Paranaense	8,59		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Metropolitana de Curitiba	2,23		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
SC	Oeste Catarinense	1,99		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C		
	Norte Catarinense	1,43		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
	Serrana	2,04		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
RS	Noroeste Rio-grandense	1,06		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Nordeste Rio-grandense	2,80		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.
 Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2025/26

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		1.423,0	875	1.244,7
2020/21		1.446,4	787	1.137,8
2021/22		1.419,1	945	1.341,1
2022/23		1.326,2	962	1.275,8
2023/24		1.528,2	990	1.512,2
2024/25		1.400,1	953	1.333,6
2025/26	Jul./26	1.364,6	990	1.351,4
	Ago./26	1.356,7	963	1.306,3

Fonte: Conab.

A safra está em iminente conclusão, restando algumas áreas mais tardias para serem colhidas, especialmente na Região Nordeste.

No geral, o ciclo apresentou algumas intempéries climáticas entre as diferentes regiões produtoras, como frentes frias na Região Sul e Sudeste, que trouxeram chuvas e redução na temperatura, até mesmo com episódios de geadas em algumas localidades, acabando por impactar nas lavouras de feijão e reduzindo o potencial produtivo em algumas áreas. Já no Nordeste, as chuvas estiveram mais escassas na fase final do ciclo, algo que não foi tão prejudicial ao potencial produtivo da cultura, pois as precipitações no começo da safra foram regulares e com boa distribuição, permitindo que as lavouras tivessem bom desenvolvimento e ótimo vigor vegetativo.

Assim, no âmbito nacional, houve aumento na produtividade média em comparação a 2024/25, porém a área plantada foi inferior ao referido período e isso influenciou no resultado final.

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: as últimas lavouras foram colhidas ainda no começo de julho, concluindo o ciclo da cultura no período.

De maneira geral, embora a cultura tenha apresentado um bom desenvolvimento inicial, as condições climáticas passaram a ser desfavoráveis às lavouras, especialmente àquelas de ciclo mais tardio, quando elas ingressaram nos estádios reprodutivos, registrando períodos de estiagem e temperaturas elevadas durante março e abril, além de episódios de geadas ocorridas no início de maio e que também atingiram as lavouras em fases sensíveis, principalmente durante a etapa de enchimento de grãos,

contribuindo para perdas localizadas.

Já na reta final do ciclo, o retorno das chuvas e a elevada umidade dificultaram o avanço da colheita em algumas localidades, mantendo os grãos mais expostos a perdas de qualidade.

Assim, a produtividade e a qualidade dos grãos foram reduzidas, ficando com uma média de rendimento inferior à safra 2024/25.

Vale pontuar também que nesse ciclo houve diminuição de área plantada em comparação ao ano passado, especialmente por questões de mercado, pelo custo de oportunidade de optar por outros cultivos ou pelo estrangulamento da janela ideal de plantio em razão do atraso na colheita das lavouras de primeira safra que antecederam tal cultivo.

Minas Gerais: a colheita avançou e foi finalizada no último mês.

Embora tenham ocorrido perdas pontuais de qualidade por conta de episódios de chuvas extemporâneas durante a maturação e colheita de algumas áreas, a maioria dos grãos obtidos apresentou bons parâmetros, além de bom rendimento, alcançando uma média de produtividade acima daquela obtida no ano passado e também levemente superior ao valor estimado no levantamento anterior.

O fator climatológico, com boa distribuição de chuvas e temperaturas mais amenas durante boa parte do ciclo, além de um quadro fitossanitário mais favorável, com menor pressão de pragas sobre a cultura, principalmente mosca-branca, colaboraram para esse melhor desempenho das lavouras em termos de produtividade em relação a 2024/25.

A área plantada também apresentou crescimento em comparação à

temporada passada, permitindo um resultado final ainda mais prolífico.

Mato Grosso: a colheita foi concluída no início de junho, e confirmou as expectativas de uma boa produtividade média, similar a 2024/25, embora a área total semeada tenha sido inferior ao ciclo passado, com uma grande concorrência com outros cultivos, como milho e sorgo.

Bahia: o ciclo está em sua fase mais avançada, com as lavouras predominando entre os estádios de enchimento de grãos e maturação.

O cultivo, que é irrigado, tem demonstrado ótimo desenvolvimento, com perspectiva de elevado potencial produtivo, não só pelos aspectos edafoclimáticos favoráveis, mas também pelo melhor controle fitossanitário, com menor pressão de doenças e pragas, especialmente a mosca-branca.

Mato Grosso do Sul: a colheita está em reta final, restando pequenas áreas na região oeste do estado. E justamente ali, com o avançar da sega, tem-se percebido uma redução importante no potencial produtivo das lavouras. Esse cenário é reflexo do menor investimento tecnológico da cultura nessa localidade, com utilização de sementes salvas e aplicação de fungicidas ineficientes para o controle de bacterioses, como a *Xanthomonas axonopodis* pv. *Phaseoli*, algo que prejudicou o rendimento médio de algumas áreas.

Já na região sul, o ciclo da cultura apresentou chuvas regulares e, conseqüentemente, potencial produtivo dentro do esperado. Ali a colheita foi encerrada no fim de julho.

Paraíba: as chuvas têm sido irregulares ao longo do ciclo, uma vez que, no início do período, registrou precipitações constantes e volumosas e, a partir dos últimos dois meses, essas precipitações se tornaram mais escassas, com distribuição heterogênea entre as regiões da Zona da Mata, Agreste e Sertão,

essa última é a que apresenta um deficit pluviométrico mais acentuado.

Esse cenário oscilante levou alguns produtores a desistirem do plantio mais tardio, redundando em diminuição na área plantada, além de tal escassez hídrica levar a um desenvolvimento irregular das lavouras em algumas áreas, devendo acarretar em redução no potencial produtivo.

Quanto às condições gerais da cultura em campo, pouco mais da metade da área semeada foi colhida até o fim de julho, e as lavouras remanescentes seguem desde o desenvolvimento vegetativo a cultivos em maturação. As lavouras tardias apresentam estresse hídrico mais proeminente, algo que pode influir na média de produtividade da cultura.

Pernambuco: a colheita foi concluída no último mês, favorecida pelo clima mais seco que perdurou no Agreste do estado, recentemente. Aliás, esse cenário de maior escassez de chuvas fez com que algumas lavouras, especialmente as mais tardias, demonstrassem estresse hídrico durante os estádios reprodutivos, o que culminou em uma diminuição pontual do potencial produtivo. Ainda assim, a média de produtividade foi superior àquela alcançada em 2024/25.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: assim como no feijão cores, a cultura apresentou bom desenvolvimento inicial, com ótimas condições gerais para a evolução vegetativa das lavouras. Contudo, a partir da fase reprodutiva, os fatores climatológicos passaram a ser desfavoráveis, com registros de estiagem e temperaturas elevadas durante março e abril, além de episódios de geadas ocorridas no início de maio e que também atingiram as lavouras em fases sensíveis, principalmente durante

a etapa de enchimento de grãos, contribuindo para perdas localizadas. Ainda na etapa final do ciclo, o retorno das chuvas e a elevada umidade, dificultaram o avanço da colheita em algumas localidades, mantendo os grãos mais expostos a perdas de qualidade.

Dessa forma, o feijão-preto, que tem grande distribuição de área ao longo das diferentes regiões do estado, apresentou perdas de potencial produtivo e de qualidade, ocasionadas por essas adversidades climáticas, levando à produtividade média inferior à safra 2024/25, porém com ajuste e leve incremento em comparação à estimativa do levantamento passado, mediante a um melhor resultado em algumas lavouras mais tardias de certas regiões menos afetadas pelas adversidades climáticas.

Soma-se a isso, o ciclo também registrou diminuição substancial de área plantada em relação ao ano passado. Questões de mercado e custo de oportunidade em optar por outros cultivos ou até mesmo o estrangulamento da janela ideal de plantio em razão do atraso na colheita das lavouras de primeira safra foram alguns dos principais fatores que levaram a essa redução.

Santa Catarina: a colheita foi concluída no último decêndio de junho. No geral, as produtividades apresentaram elevada variabilidade entre as regiões, com grande diferença também entre as lavouras mais precoces e mais tardias, já que nesse fim de ciclo houve episódios de frio intenso, geadas e chuvas, o que não só reduziu o potencial produtivo como a qualidade de algumas dessas lavouras de plantio posterior.

Ainda assim, a média de produtividade ficou ligeiramente superior à temporada passada, embora neste ano o cultivo tenha experimentado redução na área plantada em comparação ao mesmo período.

Rio Grande do Sul: a colheita foi concluída ao término de junho.

A área plantada teve redução nesta safra em comparação ao ano anterior, principalmente em decorrência de preço recebido pelos produtores desde o período que antecedeu semeadura.

Já em relação ao desempenho da cultura no ciclo, a safra nas lavouras de sequeiro, aproximadamente 80% da área cultivada, ficou marcada por dificuldades no período ideal de semeadura em razão da irregularidade das chuvas observadas em janeiro e fevereiro. As condições meteorológicas seguiram proporcionando condições de umidade insuficientes para o bom desenvolvimento vegetativo das plantas, refletindo em plantas com porte e vigor aquém do ideal. As chuvas voltaram a apresentar mais regularidade no período crítico da cultura, mas as perdas no potencial das lavouras já estavam consolidadas. Nas lavouras semeadas mais tardiamente, houve danos decorrentes das geadas observadas em maio e junho. Por fim, no período de colheita foram registradas algumas chuvas em dias consecutivos, condição que interferiu na qualidade dos grãos.

Nas áreas irrigadas, perto de 20% da área cultivada, a condição das lavouras foi melhor. A irrigação permitiu boa disponibilidade hídrica nos momentos importantes do desenvolvimento vegetativo e da fase reprodutiva. As lavouras foram semeadas mais cedo e, assim, foram beneficiadas por melhores condições de luminosidade e temperatura durante o ciclo e não foram prejudicadas pelas geadas.

No geral, o rendimento acabou ficando abaixo do esperado, com média estadual ligeiramente inferior ao ano anterior.

Minas Gerais: a colheita avançou rapidamente e foi finalizada no último mês. De maneira geral, os resultados quantitativos foram positivos, mesmo

com as oscilações climáticas ao longo do ciclo. Na média, a produtividade foi superior a 2024/25, influenciada tanto por melhores condições climatológicas como por aspectos fitossanitários mais favoráveis, em especial no controle de pragas e doenças.

Com relação à qualidade dos grãos, as chuvas no último final do ciclo acabaram por impactar alguns lotes em certas regiões do estado, porém, na média, o produto colhido apresentou bom padrão comercial.

FEIJÃO-CAUPI

Ceará: a colheita foi finalizada em julho. Embora a safra tenha registrado redução na área plantada em relação a 2024/25, especialmente por conta do início de ciclo com condições climáticas desfavoráveis, o decorrer da temporada se mostrou diferente, com condições gerais que beneficiaram a cultura, principalmente no aspecto pluviométrico, levando a uma produtividade média superior à da temporada anterior. Vale ressaltar que as chuvas no final do ciclo foram mais escassas e acabaram por reduzir parte do potencial produtivo nas lavouras mais tardias, porém mantendo a estimativa anterior de incremento na média de rendimento.

Bahia: diferentemente do feijão-comum cores de segunda safra, esse cultivo é manejado em sequeiro, algo que o tornou mais susceptível às oscilações climáticas que ocorreram no Oeste Baiano, principal região produtora do feijão de segundo ciclo na Bahia, nesses últimos meses, especialmente no aspecto das chuvas. Embora as precipitações tenham sido positivas no início do ciclo, permitindo uma boa implantação das lavouras e uma evolução vegetativa satisfatória, as pluviosidades se tronaram mais escassas e com pior distribuição entre as áreas de produção, levando a um quadro de

estresse hídrico em algumas lavouras, justamente nas fases reprodutivas críticas, como floração e enchimento de grãos, estádios que requerem maior demanda de água para a formação e desempenho dos grãos.

Assim, as lavouras, especialmente as de plantio mais tardio, sofreram com esse cenário, reverberando sobre a produtividade média da cultura, com diminuição do potencial produtivo.

A colheita evoluiu bastante nas últimas semanas, favorecida pelo clima mais seco, que beneficiou a maturação dos grãos e as operações de sega, que foram concluídas ao final de julho.

Mato Grosso: o tempo mais seco e estável favoreceu a maturação e secagem dos grãos nas lavouras remanescentes, permitindo a conclusão da colheita ainda no começo de julho.

Apesar dos registros pontuais de deficit hídrico durante parte do ciclo, a cultura apresentou bom desenvolvimento e se beneficiou um volume pluviométrico satisfatório, especialmente entre maio e junho, com ocorrência de frente fria e chuvas extemporâneas. Isso influenciou no desempenho da cultura na safra, que foi considerado prolífico, com uma média de produtividade ligeiramente superior à alcançada em 2024/25.

Além disso, o ciclo teve aumento na área plantada em relação ao exercício passado, tanto por uma questão mercadológica como também por uma opção de manejo, visto que o atraso do calendário de plantio e colheita das culturas de primeira safra acabaram reduzindo a janela ideal para o plantio das culturas de segundo ciclo, tornando o feijão uma alternativa interessante, por ter um ciclo produtivo mais curto, se comparado a outras culturas usuais desse período, como milho e sorgo. Isso deve elevar consideravelmente a

produção total do grão quando comparado ao resultado obtido na temporada anterior.

Tocantins: o ciclo está nas suas fases mais agudas, visto que nas áreas de cultivo irrigado, que representam 54% da área total, as lavouras estão entre os estádios de enchimento de grãos e maturação. De maneira geral, a cultura manejada sob essa condição tem demonstrado bom desenvolvimento, com perspectiva de potencial produtivo mais elevado em razão da utilização de irrigação suplementar nos momentos de deficit hídrico, algo que ocorreu nos últimos meses, por conta do menor volume de chuvas nas regiões produtoras, destaque para as regiões de Formoso do Araguaia, Pium e Lagoa da Confusão, com suas áreas de várzea para o cultivo irrigado.

Quanto às lavouras em sequeiro, a colheita avançou bastante no último mês até sua recente conclusão. As primeiras áreas colhidas apresentaram produtividades dentro do esperado, porém as áreas mais tardias acabaram tendo parte do seu potencial produtivo reduzido em virtude do clima mais seco e de poucas chuvas na etapa final do ciclo.

Assim, na média estadual, a cultura deve apresentar uma redução na produtividade em comparação com a safra passada, justamente por conta dessa queda de potencial produtivo nas lavouras de sequeiro mais tardias, mesmo com a atenuação oriunda dos bons resultados esperados para as áreas irrigadas.

Há um fator positivo no ciclo com relação à estimativa de área plantada, que apresentou aumento em comparação a 2024/25, incremento ocorrido nas áreas de sequeiro, principalmente por conta da elevação recente nos preços do grão, algo que estimulou os produtores, além de reduzir a janela ideal de semeadura de outras opções de cultivo na segunda safra, como o milho, em razão do atraso na colheita das lavouras antecedentes de primeira safra.



Foto 2 - Feijão-caupi 2ª safra irrigado - Enchimento de grãos - Lagoa da Confusão-TO

Fonte: Conab.

Maranhão: a cultura possui uma janela de plantio bastante escalonada entre as diferentes regiões produtoras do estado, algo que resulta em grande heterogeneidade das lavouras em campo. Nesse sentido, as primeiras áreas, com lavouras mais precoces, iniciaram a colheita em julho e segue em boa evolução das operações, especialmente no sul do estado, onde o avanço da sega tem sido intenso.

Nas demais áreas, as lavouras seguem entre as fases de enchimento de grãos e maturação, apresentando bom desenvolvimento geral e predispondo a uma estimativa de aumento na produtividade média estadual em comparação com a temporada passada, principalmente pelas melhores condições pluviométricas nas fases mais agudas do ciclo no presente ano.

Piauí: houve grande avanço da colheita no último mês, culminando na conclusão das operações no final do período.

De maneira geral, as lavouras mais tardias apresentaram reduções mais expressivas no potencial produtivo, principalmente em razão da escassez de chuvas nas fases mais críticas do ciclo, como enchimento de grãos e floração. Assim, a média de produtividade da cultura acabou despencando e ficando bem abaixo do resultado obtido na temporada passada.

Um fator atenuante é que nesse ciclo houve aumento na área plantada em comparação ao ano anterior, com substituição especialmente em áreas de milho segunda safra, que ficaram com um calendário de plantio estrangulado e assim optou-se por uma cultura de ciclo mais curto, como o feijão.

Paraíba: as chuvas têm sido irregulares ao longo do ciclo, já que o início do período registrou precipitações constantes e volumosas, a partir dos últimos dois meses, essas precipitações se tornaram mais escassas, com distribuição heterogênea entre as regiões da Zona da Mata, Agreste e Sertão, essa última apresenta um deficit pluviométrico mais acentuado.

Esse cenário oscilante levou alguns produtores a desistirem do plantio mais tardio, redundando em diminuição na área plantada, além de tal escassez hídrica levar a um desenvolvimento irregular das lavouras em algumas áreas, devendo acarretar em redução no potencial produtivo.

Quanto às condições gerais da cultura em campo, pouco mais da metade da área semeada foi colhida até o fim de julho, e as lavouras remanescentes seguem desde desenvolvimento vegetativo a cultivos em maturação. As lavouras tardias apresentam estresse hídrico mais proeminente, algo que pode influir na média de produtividade da cultura.

Pernambuco: a colheita foi concluída no último mês, favorecida pelo clima mais seco que perdurou no Agreste do estado, recentemente. Aliás, esse cenário de maior escassez de chuvas fez com que algumas lavouras,

especialmente as mais tardias, demonstrassem estresse hídrico durante os estádios reprodutivos, o que culminou em uma diminuição pontual do potencial produtivo. Ainda assim, a média de produtividade foi superior àquela alcançada em 2024/25.

Goiás: a colheita foi concluída ainda no início de julho. O clima mais seco, comum nesse período do ano, auxiliou na secagem e maturação dos grãos mais tardios e viabilizou a operação de colheita nessas áreas derradeiras.

Vale pontuar que as lavouras mais tardias confirmaram a perspectiva de redução no potencial produtivo em razão da menor pluviosidade durante as suas fases de floração e enchimento de grãos.

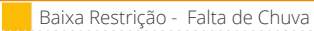
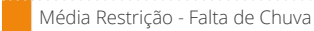
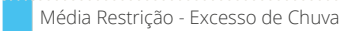
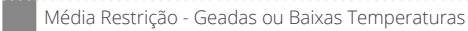
Contudo, essa diminuição acaba sendo atenuada no resultado final do ciclo em razão do crescimento de área plantada ocorrido neste ano, que se deu principalmente pelo estreitamento da janela de plantio para outras culturas de segunda safra, como o milho, optando-se por um cultivo de ciclo mais curto, como o feijão.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica										
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2025/26							
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Ocidental do Tocantins	4,59			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Oriental do Tocantins	0,41			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
MA	Sul Maranhense	0,78			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		

Continua

Legenda - Condição hídrica				
				
				
				

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2025/26							
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
CE	Noroeste Cearense	1,39		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
	Norte Cearense	1,33		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
	Sertões Cearenses	1,50		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
	Jaguaribe	0,53		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
	Sul Cearense	0,85		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
RN	Oeste Potiguar	0,49		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
PB	Agreste Paraibano	0,52			S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	MC
PE	Sertão Pernambucano	1,28		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C		
MT	Norte Mato-grossense	7,12		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C		
	Nordeste Mato-grossense	0,54		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C		
	Sudeste Mato-grossense	0,83		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,60			S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano	0,90			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C		
	Sul Goiano	1,73			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C		
	Norte de Minas	0,88		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,94		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Central Mineira	0,38		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Oeste de Minas	1,31		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sul/Sudoeste de Minas	2,28		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Campo das Vertentes	3,29		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Zona da Mata	0,86		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,00	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Norte Central Paranaense	0,41	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Centro Oriental Paranaense	6,14	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Oeste Paranaense	1,76	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	16,97	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Centro-Sul Paranaense	15,41	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Paranaense	5,98	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Metropolitana de Curitiba	0,89	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
SC	Oeste Catarinense	3,78	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
RS	Noroeste Rio-grandense	1,59	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2025/26

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		581,0	1.253	728,0
2019/20		588,8	1.481	872,1
2020/21		567,8	1.373	779,6
2021/22		530,6	1.333	707,2
2022/23		516,0	1.574	813,0
2023/24		470,2	1.680	789,9
2024/25		384,4	1.726	663,7
2025/26	Jul./26	385,2	1.799	692,8
	Ago./26	381,9	1.783	681,0

Fonte: Conab.

As lavouras estão em pleno desenvolvimento, apresentando boas condições gerais na maioria das áreas produtoras, tendo como principal exceção as lavouras na Região Nordeste, especialmente na Bahia, onde a irregularidade e o pouco volume pluviométrico têm sido fatores importantes nesse ciclo e devem levar a uma frustração de expectativa em relação à indicação de área a ser plantada, justamente por conta da escassez de chuvas durante as fases de implantação e desenvolvimento inicial das lavouras.

Já nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste, embora haja diferença de pluviosidade entre os estados, as chuvas que ocorreram até então permitiram a manutenção do nível hídrico adequado nos solos e garantiu o abastecimento dos reservatórios para a utilização de irrigação suplementar em boa parte das áreas produtoras nessa terceira safra.

FEIJÃO-COMUM CORES

Mato Grosso: a colheita foi recém-iniciada, ocorrendo de maneira pontual, restringindo-se aquelas áreas de plantio mais cedo e com cultivares mais precoces.

Quanto às lavouras remanescentes em campo, elas variam entre as fases de floração, enchimento de grãos e maturação, apresentando boas condições gerais devido ao adequado controle fitossanitário e aos fatores climáticos, especialmente as chuvas, que foram favoráveis na maior parte do ciclo e até levaram a uma menor participação da irrigação suplementar.

Minas Gerais: as lavouras foram totalmente implantadas e confirmaram a expectativa de aumento de área plantada em relação à temporada anterior. Questões de mercado, climáticas e de planejamento agrícola foram importantes para levar a esse incremento na destinação de área.

Quanto às condições gerais nos campos, o que se observa são lavouras majoritariamente em maturação e enchimento de grãos, com uma parcela de área já colhida, especialmente no noroeste do estado, que é a principal região produtora da cultura no período. Por serem irrigadas e terem sido beneficiadas pelas condições climáticas favoráveis na maior parte do ciclo, os primeiros resultados têm surpreendido positivamente os produtores e técnicos que trabalham diretamente com a cultura.

No aspecto fitossanitário, diferentemente do ocorrido na safra anterior, a pressão com pragas, em especial a mosca-branca (*Bemisia tabaci*), tem sido bem menor, algo que também influi no bom desenvolvimento dos grãos e permite uma estimativa de produtividade média bem superior àquela alcançada em 2024/25.

Pernambuco: o ciclo avançou e se encontra nas suas fases derradeiras, com pouco mais de um terço da área total colhida e o restante das lavouras em campo se apresentam em maturação.

A irregularidade recente das chuvas no Agreste do estado, onde se concentra o cultivo, impõe preocupação quanto à possibilidade de redução no potencial produtivo para as lavouras mais tardias. A escassez hídrica em alguns períodos do ciclo gerou alerta em certas lavouras, podendo levar a perdas pontuais.

Goiás: a colheita avançou e atingiu 40% da área total ao final de julho. As operações ganharam ritmo em todas as regiões produtoras, visto que no oeste do estado, região do Vale do Araguaia, foi onde a evolução se deu de forma mais expressiva.

No geral, as condições da cultura se mostram satisfatórias, com bons resultados naquelas áreas já colhidas e perspectiva de potencial produtivo elevado nas lavouras em campo.

O fator climático se mostrou favorável à cultura na maior parte do ciclo (que também lança mão de irrigação suplementar), e as questões fitossanitárias estiveram dentro de um nível controlado, apresentando baixa pressão de pragas e doenças na maioria das áreas.

Bahia: o cultivo se concentra na região nordeste do estado, ali, as condições climáticas neste ciclo vêm mostrando-se bastante desafiadoras à cultura, devendo impactar no resultado final da safra. O volume das chuvas foi menor e com uma distribuição temporal e espacial irregular, algo que levou à escassez hídrica nos solos e prejudicou o desenvolvimento das lavouras.

Atualmente, a cultura se encontra entre os estádios de floração, enchimento de grãos e maturação, com algumas pequenas áreas iniciando a colheita. A maior parte das lavouras sofreram com períodos de estiagem, algo que acarretou em perdas efetivas, tanto na formação dos estandes de plantas como no desenvolvimento e potencial produtivo da cultura, prevendo-se uma redução importante no volume total obtido.

Alagoas: a escassez de chuvas, principalmente na região do Sertão alagoano impactou tanto na destinação de área para o cultivo, como no desenvolvimento adequado das lavouras. Os períodos de estiagem prolongada em algumas áreas fizeram com que muitos produtores deixassem de plantar a cultura, levando à redução na estimativa de área total.

Além disso, houve menor disponibilidade hídrica nos solos para a evolução fenológica satisfatória das lavouras implantadas, gerando plantas com vigor vegetativo diminuto e até abortamento de flores e vagens, especialmente em áreas do Sertão (na região do Agreste, onde também é semeada a cultura no período, as condições foram menos críticas). Isso levou à redução de parte do potencial produtivo, redundando em uma estimativa de diminuição na produtividade média no estado.

Atualmente, as lavouras estão entre as fases de floração e maturação, com condições gerais regulares e/ou ruins, em virtude do estresse hídrico.

Paraná: o cultivo, que se concentra principalmente em áreas das regiões norte e nordeste do estado, teve sua semeadura concluída no último mês.

A cultura tem baixa representatividade neste terceiro período, ocorrendo em pequenas áreas, muitas vezes associadas à agricultura familiar e à produção de subsistência. Não obstante, pela pouca demanda local, a área plantada neste ciclo foi ainda menor que em anos anteriores.

Quanto às condições gerais das lavouras em campo, o desenvolvimento da cultura se mostra satisfatório, favorecido por fatores edafoclimáticos favoráveis, até o momento.

A maioria das lavouras está entre as fases de enchimento de grãos e maturação, com previsão de iminente início de colheita.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Pernambuco: o ciclo avançou e se encontra nas suas fases derradeiras, com cerca de um terço da área total colhida, e o restante das lavouras em campo se apresentam em maturação.

A irregularidade recente das chuvas no Agreste do estado, onde se concentra o cultivo, impõe preocupação quanto à possibilidade de redução no potencial produtivo. A escassez hídrica em alguns períodos gerou alerta em certas lavouras e será monitorado ao longo da colheita para avaliar eventuais perdas de rendimento.

Paraíba: o cultivo se concentra na região do Agreste, onde as chuvas, embora irregulares, permitiram um desenvolvimento inicial satisfatório na maioria das áreas semeadas. Assim, as lavouras de plantio mais precoces têm apresentado bom desempenho, inclusive com uma parte delas já em efetiva colheita. A preocupação fica por conta das lavouras mais tardias, que estão ainda em evolução e podem sentir o impacto das precipitações mais escassas. No geral, ainda há previsão de uma safra mais prolífica que no ano passado, com aumento tanto na área plantada como na produtividade média, comparadas ao exercício anterior.

FEIJÃO-CAUPI

Pernambuco: pouco mais de um terço da área total foi colhida, e o restante das lavouras em campo se apresentam em maturação.

A cultura, que é mais resistente ao estresse hídrico em comparação a outros tipos de feijão, tem se portado bem diante da irregularidade recente das chuvas no Agreste do estado, onde se concentra o cultivo, embora ainda haja preocupação

com a estiagem prolongada em algumas localidades e a possibilidade de perda sobre as lavouras mais tardias.

Vale pontuar a redução na área plantada em comparação a 2024/25, que ocorreu principalmente na região de Garanhuns e se deu por meio de substituição de algumas áreas para o cultivo de mandioca.

Bahia: as condições climáticas permaneceram desfavoráveis na maioria das áreas em produção. As chuvas que ocorreram no último mês foram pontuais e em volumes considerados pequenos, o que não permitiu a recuperação das lavouras. Nesse sentido, a estimativa é de expressiva redução na produtividade média.

Pará: a cultivo se concentra principalmente no nordeste do estado, onde o ciclo pluviométrico tem sido bem prolífico nessa temporada. Com essa boa disponibilidade hídrica, as lavouras têm encontrado condições favoráveis para o desenvolvimento vegetativo e início da fase reprodutiva.

Vale pontuar uma leve redução na estimativa de área plantada em virtude da não concretização do cultivo em algumas áreas que, inicialmente, iriam apresentar produção.

Alagoas: a escassez de chuvas, principalmente na região do Sertão alagoano impactou tanto na destinação de área para o cultivo como no desenvolvimento adequado das lavouras. Os períodos de estiagem prolongada em algumas áreas fizeram com que muitos produtores deixassem de plantar a cultura, levando à redução na estimativa de área total.

Além disso, houve menor disponibilidade hídrica nos solos para a evolução fenológica satisfatória das lavouras implantadas, gerando plantas com vigor vegetativo diminuto e até abortamento de flores e vagens, especialmente em áreas do Sertão (na região do Agreste, onde também é semeada a cultura no período,

as condições foram menos críticas). Isso levou à redução de parte do potencial produtivo, redundando em uma estimativa de redução na produtividade média no estado.

Atualmente, as lavouras estão entre as fases de floração e maturação, com condições gerais regulares e/ou ruins, em virtude do estresse hídrico.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica								
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão terceira safra - Safra 2025/26					
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PE	Agreste Pernambucano	3,92	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
BA	Nordeste Baiano	2,47	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
MT**	Norte Mato-grossense	15,66			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Noroeste Goiano	4,76	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Norte Goiano	1,55	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
GO**	Centro Goiano	1,60	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Leste Goiano	8,87	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sul Goiano	9,57	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
DF**	Distrito Federal	3,84	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
	Noroeste de Minas	18,57	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
MG**	Norte de Minas	1,89	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,15	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
	Ribeirão Preto	1,37			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
SP**	Bauru	5,73			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Itapetininga	7,43			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) Total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a produção brasileira de feijão da safra 2025/26 alcance 3 milhões de toneladas. Esse volume representa redução de 3,2% em comparação com a safra anterior, 2024/25, estimada em 3,1 milhões de toneladas. A retração decorre da estimativa de diminuição da área cultivada (-6%), apesar da expectativa de elevação na produtividade (+2,9%) da cultura no ciclo atual.

Esse cenário reflete, principalmente, os preços menos remuneradores pagos ao produtor no momento da definição de plantio, sobretudo quando comparados aos de outras culturas concorrentes por área. Além disso, a incidência de mosca-branca, em algumas lavouras, tem contribuído para ampliar o desestímulo ao cultivo em importantes polos produtores. Dessa forma, observa-se uma tendência de redução da área cultivada com feijão no país.

No mercado externo, na safra 2024/25, verificou-se aumento nas exportações brasileiras, que atingiram 533,2 mil toneladas. Esse crescimento foi impulsionado pelos preços internos mais baixos e pela maior disponibilidade de produto no mercado nacional. Para a safra 2025/26, diante da expectativa de menor oferta interna, projeta-se redução das exportações, estimadas em 342,5 mil toneladas.

Quanto ao consumo interno, este está estimado em 2,7 milhões de toneladas, tanto na safra 2024/25 quanto na safra 2025/26. Observa-se, contudo, uma leve tendência de redução no consumo ao longo dos últimos anos, refletindo, principalmente, mudanças nos hábitos alimentares de parte da população brasileira.

Diante desse contexto, os estoques de passagem devem apresentar comportamento próximo da estabilidade. Ao final da safra 2024/25 (dezembro de 2025), os estoques foram estimados em 235,9 mil toneladas, enquanto para o encerramento da safra 2025/26 (dezembro de 2026) são projetados em 187,2 mil toneladas.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7
2020/21	268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.900,0	223,7	121,9
2021/22	121,9	2.990,2	76,1	3.188,2	2.850,0	136,1	202,1
2022/23	202,1	3.036,7	69,0	3.307,8	2.850,0	139,0	318,8
2023/24	318,8	3.198,6	22,2	3.539,6	2.800,0	343,6	396,0
2024/25	396,0	3.059,9	13,2	3.469,1	2.700,0	533,2	235,9
2025/26	jul/26	135,9	3.016,5	21,6	3.174,0	2.700,0	259,7
	ago/26	235,9	2.961,2	32,6	3.229,7	2.700,0	187,2

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em agosto/2026.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

22.598 mil ha
+ 3,5%

PRODUTIVIDADE

6.326 kg/ha
- 2,1%

PRODUÇÃO

142.955 mil t
+ 1,3%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 11 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21		4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22		4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23		4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24		3.970,1	5.784	22.962,2
2024/25		3.772,6	6.610	24.935,8
2025/26	Jul./26	4.140,8	7.149	29.603,7
	Ago./26	4.100,4	7.191	29.486,1

Fonte: Conab.

No início de agosto, a colheita da primeira safra do cereal se aproximava da finalização, com 99,3% dos campos já trilhados. A colheita segue para os últimos talhões no Maranhão e Piauí.

As precipitações bem distribuídas ao longo do desenvolvimento do milho, alternadas com períodos de sol, propiciaram condições para que o cereal expressasse o seu potencial produtivo em praticamente todas as regiões produtoras. Essas boas condições climáticas, aliadas aos investimentos realizados pelos produtores, resultaram em estimativa de produtividade de 7.191 kg/ha, 8,8% superior ao obtido na última safra e a maior produtividade média já alcançada no primeiro ciclo do milho.

A área cultivada foi estimada em 4,1 milhões de hectares, 8,7% superior à semeada na safra 2024/25, mostrando um maior interesse por parte dos produtores no aumento do cultivo do cereal na primeira safra, devido à possibilidade de altas produtividades e preços mais atrativos na época da comercialização.

ANÁLISE ESTADUAL

Bahia: a colheita foi finalizada no estado. As condições climáticas, registradas durante o ciclo, caracterizadas por precipitações regulares e adequada disponibilidade hídrica no solo, favoreceram o enchimento de grãos e a consolidação do potencial produtivo.

Maranhão: em julho, a colheita avançou em todas as regiões do estado, atingindo 97% da área plantada. As lavouras restantes encontram-se em maturação.

Na região sul, nos Gerais de Balsas, a colheita foi iniciada em abril e finalizada em junho. Nas demais áreas, regiões de Porto Franco e Chapadas das Mangabeiras, a colheita foi finalizada em julho. Na região norte do estado, a colheita foi iniciada em maio e ocorreu até o final de julho. Nas regiões centro e oeste do estado, a colheita foi iniciada no final de maio e

está ocorrendo ainda nas últimas áreas das microrregiões de Imperatriz, de Pindaré e de Presidente Dutra.

O término da operação ocorre no início de agosto de 2026. No leste do estado, na região das Chapadas do Alto Itapecuru e de Caxias, a colheita foi iniciada em maio e finalizada em julho de 2026. Nas demais regiões do leste maranhense, como Chapadinha e Baixo Parnaíba Maranhense, onde a semeadura é mais tardia, a colheita está perto da finalização e deve ocorrer até o início de agosto de 2026.

A área de plantio da primeira safra de milho no estado foi de 328,2 mil hectares, com expansão de 10,1%, em relação à área do ano anterior, devido ao aumento de área de plantio nas regiões sul, oeste e leste do estado, estimulado pela valorização dos preços do cereal na última safra e pela implantação de uma biorrefinaria de grãos em 2025, em Balsas, para produção de etanol e de subprodutos por meio do processamento de milho e sorgo.

Piauí: nesta safra, as condições climáticas mostraram-se favoráveis para a cultura, favorecendo o bom desenvolvimento das lavouras, embora o início da semeadura tenha sido retardado em razão das chuvas em parte do Cerrado piauiense. A colheita está praticamente finalizada, restando apenas pequenas áreas da região norte do estado. A produtividade estimada aponta para um aumento superior a 44% em relação à safra anterior.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica														
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense	2,69				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C				
TO	Ocidental do Tocantins	0,80					S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Oriental do Tocantins	0,58					S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MA	Oeste Maranhense	1,84						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,46						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	4,29					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	5,30				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	7,38			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
MT	Norte Mato-grossense	0,80			PS	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
GO	Centro Goiano	0,59			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano	2,35			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano	2,38			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
DF	Distrito Federal	0,59			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas	2,34			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Norte de Minas	0,73			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,19			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Oeste de Minas	1,66			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas	4,23			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Campo das Vertentes	2,35			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Zona da Mata	0,62			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
SP	São José do Rio Preto	0,52			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Ribeirão Preto	0,51			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Bauru	0,97			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Campinas	1,34			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Itapetininga	1,96			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	0,69			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PR	Centro Oriental Paranaense	2,64		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	0,65		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense	2,98		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense	1,93		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba	1,32		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense	4,36		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana	1,27		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Vale do Itajaí	0,59		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Catarinense	0,48		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			

Continua

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
RS	Noroeste Rio-grandense	11,63	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense	3,12		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,82	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense	1,48		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre	0,58		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense	1,59		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Rio-grandense	0,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.
 Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 12 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21		14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22		16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23		17.192,7	5.954	102.365,1
2023/24		16.437,4	5.479	90.057,8
2024/25		17.427,9	6.499	113.271,4
2025/26	Jul./26	17.797,9	6.148	109.430,1
	Ago./26	17.819,7	6.231	111.030,9

Fonte: Conab.

As condições climáticas foram favoráveis para o andamento da colheita da segunda safra de milho na maioria das regiões produtoras. No início de agosto, 69,1% da área estimada havia sido colhida, um pouco abaixo da média das últimas safras, que foi de 74,5%.

Tocantins, Mato Grosso e Maranhão lideram o avanço da colheita com mais de 96% das áreas já colhidas. Já em São Paulo, Mato Grosso do Sul e Paraná, as baixas temperaturas, aliadas a precipitações, alongaram o ciclo do cereal e retardaram a perda de umidade dos grãos, resultando em um atraso significativo da colheita nestes estados.

Com o andamento da colheita, houve aumento das estimativas de produtividade em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Em Tocantins, Maranhão e Piauí, devido à redução das chuvas a partir de meados de abril, que impactaram as lavouras tardias, tiveram suas produtividades reduzidas.

A estimativa de produção foi elevada para 111 milhões de toneladas, 1,9% inferior ao recorde obtido na última safra, cultivada em 17,8 milhões de hectares, 2,2% superior ao plantado no último ciclo.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: o predomínio de tempo seco favoreceu a conclusão da maturação fisiológica das lavouras e proporcionou condições ideais para o avanço expressivo das operações de colheita, com boa trafegabilidade e eficiência operacional nas áreas. A ocorrência de chuvas pontuais fora de época, apesar de existente, não prejudicou os trabalhos a campo e tampouco a qualidade do grão na reta final da colheita.

A produtividade média, realmente elevada, tem sido registrada em âmbito estadual, com registro de grãos mais pesados na formação das espigas, com potencial produtivo das lavouras acima do esperado, até mesmo em lavouras semeadas tardiamente, fora da janela ideal de plantio. Ainda que o estado tenha observado adversidades climáticas, seja com escassez de

chuvas em algumas regiões, seja com excesso em outras, o rendimento médio encontra-se mais elevado que o inicialmente projetado.

Paraná: o milho segunda safra no estado apresentou desenvolvimento heterogêneo entre as regiões, em virtude das diferenças de época de plantio e das condições climáticas ao longo do ciclo. Nas regiões oeste e sudoeste, o ciclo foi marcado inicialmente por estiagens e altas temperaturas entre março e abril, que provocaram estresse hídrico em parte das lavouras semeadas mais cedo. Em contrapartida, as chuvas registradas posteriormente no outono, contribuíram para a recuperação parcial do potencial produtivo das áreas em desenvolvimento.

Na região norte e noroeste, o desenvolvimento das lavouras ocorre de forma mais regular, embora o excesso de umidade e a menor luminosidade, registrados em julho, estejam dificultando o avanço da maturação e da colheita, além de elevar o risco de comprometimento da qualidade dos grãos. Já no Centro-Sul, Campos Gerais e Leste do estado, onde a cultura apresenta parte expressiva da área, as lavouras encontram-se entre enchimento de grãos e maturação, com atenção voltada para possíveis impactos de frio e variações de umidade, que podem antecipar a maturação ou afetar o enchimento de grãos em áreas mais tardias.

De forma geral, o clima tem sido determinante para a definição da produtividade final, com contraste entre o benefício da regularização hídrica em parte do ciclo e os riscos associados ao excesso de chuvas no período de finalização da safra.

Mato Grosso do Sul: com exceção da região sul, fronteira e nordeste, as demais regiões apresentam os cultivos mais atrasados em razão da janela de plantio mais tardia, maior umidade observada ao longo do desenvolvimento da cultura e das baixas temperaturas registradas no final do ciclo. Essas

condições retardaram a maturação e a perda natural de umidade dos grãos, limitando a entrada das máquinas em diversos talhões. As produtividades obtidas até o momento apresentam variações entre os municípios e os talhões, de acordo com a época de plantio, a disponibilidade hídrica e as condições enfrentadas durante o ciclo.

Na porção oeste, os primeiros talhões colhidos indicam excelente produtividade, porém aquém do que se vislumbrava diante do padrão das plantas, apresentando espigas com enchimento deficiente, este fato é atribuído aos vários dias encobertos durante a fase de enchimento de grãos, visto que o índice de doenças foi baixo e não houve formação de geadas.

Em toda região centro-sul, a qualidade dos primeiros lotes colhidos é considerada satisfatória, apresentando baixa incidência de grãos avariados. Entretanto, existe preocupação quanto às áreas que ainda serão colhidas, devido ao possível aumento da ocorrência de grãos fermentados, ardidos e outras avarias.

Essa situação decorre principalmente da elevada incidência de lagartas durante o início do ciclo, do excesso de precipitações registrado em maio e junho e das características de alguns híbridos, que apresentam espigas mais eretas, favorecendo o acúmulo de água e aumentando o risco de deterioração dos grãos. Na região norte, os impactos ocasionados pela cigarrinha-dormilho, pelas lagartas e pela restrição hídrica, verificados em determinados períodos, já se encontram incorporados ao potencial produtivo dos talhões.

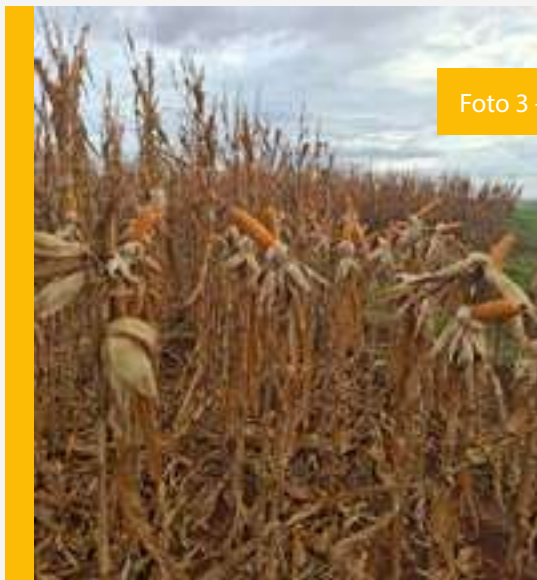


Foto 3 - Milho 2ª safra - Maturação - Amambaí-MS

Fonte: Conab.

Goiás: as condições climáticas não foram favoráveis ao desenvolvimento da cultura, sobretudo nas fases de floração e enchimento de grãos. Lavouras semeadas dentro da janela obtiveram resultados melhores, resultando em grãos graúdos e mais pesados. Já as lavouras que foram atingidas pela falta de chuva em quase todo o ciclo e semeadas mais tarde obtiveram resultados ruins, uma vez que estas mesmas lavouras encurtaram o ciclo e foram colhidas rapidamente sob risco de tombamento e incêndios.

A colheita segue em ritmo lento em diversas localidades. Esse atraso deve-se às temperaturas amenas nos períodos matutino e noturno, e às chuvas registradas em julho, fatores que elevaram os teores de umidade dos grãos no campo. Como ressaltado anteriormente, os principais fatores de perda de produtividade na safra foram: perda da janela ideal devido ao atraso no ciclo da soja, o plantio fora do período recomendado, restrição hídrica durante as fases críticas do cultivo, como a polinização e, sobretudo, o enchimento de grãos.

O sudoeste goiano manteve sua área de plantio estável, e a colheita está em andamento, porém atrasada em relação ao calendário habitual. Essa lentidão reflete a demora na perda de umidade dos grãos, consequência do plantio tardio, associado a temperaturas mais amenas e chuvas localizadas no final de julho. Diante desse cenário, parcela significativa dos produtores optou por postergar o recolhimento das lavouras para evitar descontos por excesso de umidade na comercialização.

A limitação da capacidade estática de armazenagem, aliada à diversificação de culturas de segunda safra e à estabilidade dos preços, levou os produtores a adotarem o uso de silos-bolsa como alternativa viável. Na região sudoeste, alguns armazéns já relatam já ter atingido sua capacidade máxima de recebimento. Até o final de julho, estima-se que 40% da área tenha sido colhida, e a qualidade geral do produto colhido apresenta expressiva heterogeneidade, com variações acentuadas dentro de uma mesma região ou até entre municípios vizinhos. Na maioria das cargas recebidas, nota-se grande desuniformidade no tamanho e no peso específico dos grãos.

Minas Gerais: a colheita do milho segunda safra ganha ritmo nas regiões produtoras. Os primeiros resultados obtidos, principalmente das lavouras irrigadas, primeiras áreas colhidas, não refletem o panorama da cultura no estado. Essas áreas, em sua maioria, foram semeadas dentro da janela ideal, e o microclima propiciado pela irrigação permitiu condições favoráveis para o desenvolvimento durante todo o ciclo. Já para as lavouras de sequeiro, cujo a área é proporcionalmente maior do que as áreas irrigadas, o cenário é heterogêneo, principalmente nas regiões Noroeste de Minas e Triângulo Mineiro, onde se concentram as maiores áreas.

O atraso na colheita da soja e, conseqüentemente, o plantio fora da janela ideal do milho, foram determinantes para comprometer o potencial produtivo, pois tiveram que se desenvolver num período que as chuvas

diminuíram gradativamente nas regiões. Há casos de lavouras que foram beneficiadas com volumes razoáveis de chuva no período vegetativo, mas que não foram suficientes para garantir o pleno desenvolvimento.

Em outros casos, há lavouras que se desenvolveram com o mínimo de umidade do solo e apresentam porte baixo, espigas pequenas e falhadas. E casos mais severos, onde áreas não receberam chuvas o suficiente, o produtor optou por abandonar o cultivo, assumindo o prejuízo. Nas regiões do Alto Paranaíba e Sul de Minas, o panorama é melhor para as lavouras de sequeiro, pois o regime de chuvas foi mais regular, quando comparado ao Noroeste e Triângulo Mineiro, contribuindo para manutenção das expectativas de produtividade.

São Paulo: o milho nesta safra se apresenta com seu desenvolvimento mais lento devido às baixas temperaturas, porém o cereal apresenta com boa sanidade. Vale dizer ainda que na região sudoeste, de maneira geral, há atraso na colheita, que só deve avançar em meados de julho. Mesmo assim, as condições do cereal são consideradas satisfatórias pela maioria dos produtores. No início de agosto, a colheita alcançou 15% da área de cultivo, bem abaixo da média das últimas safras, que é de 32%. Esse atraso é devido às precipitações ocorridas em junho e julho, além dos frequentes dias nublados e temperaturas baixas, que retardaram a perda de umidade das lavouras.

Distrito Federal: as lavouras em campo estão em maturação, e 40% da área estimada de cultivo já foram colhidas, com produtividades variadas, reflexo das precipitações irregulares. A falta de chuvas em parte das lavouras, na fase crítica de enchimento de grãos, afetou levemente a produtividade, uma vez que a produção fica mantida devido ao aumento de área.

Maranhão: as lavouras da segunda safra foram implantadas em municípios do sul do estado, em fevereiro e março de 2026, após a colheita de soja. A semeadura foi finalizada com atraso, e parte da área foi plantada fora da janela ideal, já que houve atraso no plantio e na colheita da soja. A colheita foi iniciada em junho e deve ser finalizada no início de agosto. A área estimada de plantio é de 223,7 mil hectares, com relevante redução de área em relação ao ano anterior devido à diminuição da janela ideal de plantio. Ressalta-se que houve substituição de parte dessa área pelas culturas do sorgo, milheto, feijão-caupi e braquiária, que são mais tolerantes ao estresse hídrico.

As lavouras semeadas na janela ideal, até o início de março, estavam em boas condições e apresentaram bons rendimentos. Entretanto, as áreas semeadas após a segunda quinzena de março, fora da janela ideal de plantio, sentiram a ausência de chuvas em maio e apresentaram quebra de produtividade. Portanto, a produtividade foi reduzida e está estimada em 5.082 kg/ha, com queda de 19,3%, em relação ao ano anterior.

Piauí: nesta safra, embora tenha ocorrido chuvas no terceiro decêndio de outubro, com início consequentemente da semeadura da soja, havia perspectiva de aumento significativo de área, porém houve irregularidades das chuvas em novembro e dezembro, situação que prolongou a semeadura da soja, impactando, assim, na janela ideal de plantio da segunda safra. Com isso, registrou-se uma pequena redução de área de 3,9% em relação à safra anterior. Parte das lavouras se estabeleceram em boas condições, porém grande parte sofreu com déficit hídrico, impactando a produtividade final. A colheita segue avançando normalmente, confirmando produtividade inferior à da safra anterior.

Pernambuco: apesar de um início de safra promissor, onde a regularidade das chuvas favoreceu as fases fenológicas iniciais, a redução das precipitações

em estádios de alta demanda hídrica interferiu na produtividade do cereal. A colheita avança e supera os 70% da área de cultivo, estando o restante delas em maturação. As produtividades e qualidade dos grãos variam nas regiões, sendo o clima o fator mais impactante na redução da produtividade do estado.

Ceará: com a boa distribuição de chuvas e os bons níveis pluviométricos em fevereiro, março e abril, esperava-se uma boa safra. Entretanto, a redução e a irregularidade das precipitações, a partir de maio, afetaram o potencial produtivo de algumas lavouras. Mesmo assim, é esperada uma produtividade média de 1.268 kg/ha, 172,1% superior à obtida na última safra. A colheita superou mais da metade da área estimada, e as lavouras em campo se encontram em maturação.

Paraíba: o outono paraibano foi marcado por temperaturas elevadas e chuvas entre normal e acima da média histórica, sobretudo nas regiões da Mata e Agreste do estado, até o final de abril. A partir de meados de maio, as chuvas foram mal distribuídas, comprometendo o desenvolvimento do cereal em diversos estádios. As lavouras apresentam alta proporção de áreas em condições regulares e ruins, reflexo das condições de plantio, manejo e clima.

Bahia: as lavouras apresentaram limitação do potencial produtivo devido à redução da disponibilidade hídrica após meados de abril. Os cultivos encontram-se distribuídos entre as fases de maturação e colheita. Em muitas áreas implantadas tardiamente e fora da janela ideal de cultivo, ocorreram limitações na formação das espigas, redução do número de grãos por espiga e menor enchimento de grãos, com reflexos negativos sobre a produtividade final. A estimativa de produtividade foi reduzida para 2.400 kg/ha, 38,5% inferior ao obtido no último ciclo.

Tocantins: a colheita se aproxima da finalização, com 99% da área colhida nos primeiros dias de agosto, dentro do ritmo de colheita registrado nos últimos anos. As condições climáticas permitiram que boa parte das lavouras fossem semeadas na janela ideal, como no centro e oeste do estado. Entretanto, municípios das regiões norte e nordeste, como Campos Lindos, divisa com o Maranhão, tiveram seus plantios atrasados devido ao atraso no plantio da soja.

As condições climáticas foram favoráveis a todas as lavouras até meados de abril, quando uma redução/corte das precipitações, em grande parte do estado, afetaram o potencial produtivo do cereal em lavouras em estádios críticos de demanda hídrica. Devido, principalmente a isso, a produtividade estimada foi reduzida neste levantamento para 5.120 kg/ha, 6% inferior à última safra.



Foto 4 - Milho 2ª safra - Maturação - Campos Lindos-TO

Fonte: Conab.

Rondônia: a forte influência do clima seco e das temperaturas elevadas determinam o ritmo da colheita e o encerramento do ciclo produtivo. As lavouras de milho safrinha em campo encontram-se em fase de maturação avançada, e a colheita se aproxima da finalização, favorecida pelo tempo firme característico do período seco na Região Norte. O potencial produtivo consolidado reflete o bom desenvolvimento vegetativo obtido nos meses anteriores, com médias satisfatórias por hectare nas lavouras semeadas dentro da janela ideal. Do total de áreas previstas para a safrinha, foram consolidados 459,5 mil hectares.

Pará: a colheita foi finalizada nos polos de Redenção e da BR-163 e avança para a finalização nos polos de Santarém e Paragominas. As boas produtividades obtidas em todos os polos do estado refletem o equilíbrio climático ocorrido no desenvolvimento do cereal, que proporcionou estabilidade no desenvolvimento de campo da cultura.

Roraima: a colheita foi iniciada no estado. As reduções nas precipitações, ocorridas em junho e julho, afetaram o potencial produtivo da oleaginosa em alguns municípios e até mesmo em talhões. Os efeitos dessa irregularidade climática ainda estão sendo mensurados.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva				
	Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2025/26								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Madeira-Guaporé	0,33		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
	Leste Rondoniense	1,51		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
PA	Baixo Amazonas	0,19		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C
	Sudeste Paraense	0,83	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	0,77	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C		
	Oriental do Tocantins	1,28	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C		
MA	Sul Maranhense - MA	0,83		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PI	Sudoeste Piauiense	0,33		S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	35,44	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	9,15	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,45	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense	0,73	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	6,39	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	1,73	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,03	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	5,78	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
GO	Norte Goiano	0,20	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,36	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	10,68	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
DF	Distrito Federal	0,21	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas	0,68	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,18	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Sul/Sudoeste de Minas	0,36		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
SP	Assis	1,05			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Itapetininga	0,61			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
PR	Noroeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense	2,88	S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Central Paranaense	3,86		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Norte Pioneiro Paranaense	1,44		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Oriental Paranaense	0,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	4,62	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,39	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2024)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 13 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020/21		595,6	2.734	1.628,5
2021/22		662,1	3.341	2.211,9
2022/23		637,1	3.664	2.334,6
2023/24		650,1	3.868	2.514,9
2024/25		635,1	4.714	2.993,6
2025/26	Jul./26	677,9	3.976	2.695,2
	Ago./26	677,9	3.596	2.438,0

Fonte: Conab.

As condições climáticas, ocorridas em julho, continuaram a prejudicar o desenvolvimento do milho de terceira safra, principalmente no nordeste da Bahia, Sergipe e parte de Alagoas. Nesses estados, muitos talhões plantados com o objetivo de produção de grãos foram direcionados para a produção de silagem, numa tentativa dos produtores de reduzir o prejuízo eminente. As lavouras foram afetadas pela irregularidade das chuvas desde o estágio desenvolvimento vegetativo até o reprodutivo, causando nova redução na estimativa de rendimento.

Devido à continuidade da situação, a produção estimada da terceira safra foi reduzida novamente para 2,4 milhões de toneladas, uma queda de 9,5% em relação ao último levantamento e 18,6% inferior ao obtido na última safra.

ANÁLISE ESTADUAL

Alagoas: o período foi marcado por falta de chuvas, principalmente na região que margeia o Rio São Francisco. Na região Agreste e Bacia Leiteira, as chuvas têm ocorrido de forma localizada e em baixo volume. Essa irregularidade das chuvas afetou o desenvolvimento do cereal, e muitas áreas foram

direcionadas para produção de silagem. Em julho houve registro de chuvas nas regiões de produção, mas insuficientes ou tardias para recuperar as lavouras. A estimativa de produtividade foi reduzida neste levantamento.

Sergipe: assim como junho, julho continuou sendo desafiador para a produção de milho no estado, uma vez que as precipitações continuaram irregulares e insuficientes para o desenvolvimento das lavouras. As lavouras se encontram majoritariamente nos estádios de pendoamento e enchimento de grãos, estádios de grande demanda hídrica do cereal.

Os veranicos continuaram em muitas microrregiões, inclusive na região Agreste Sergipano, onde temos os maiores plantios do grão. Em muitas áreas, onde as perdas são significativas e irreversíveis, há o aumento da movimentação dos produtores na produção de silagem.

Temos como exemplo um dos maiores produtores de milho de Sergipe, o município de Nossa Senhora da Glória, com perdas estimadas em 50% da produção até o momento, onde a movimentação de maquinário visando a produção de silagem é ainda maior. Apesar das chuvas ocorridas em julho em algumas regiões, elas não foram suficientes para reverter a queda do potencial produtivo do cereal, e em algumas áreas os produtores já liberaram os cultivos para pastejo do gado, tentando, com isso, ter alguma receita em talões que nada produziram de grãos.

Pernambuco: as lavouras de milho no Agreste Pernambucano encontram-se nos estádios reprodutivos, ainda em boas condições, contudo a variabilidade espacial e temporal das chuvas impacta o potencial produtivo do cereal em alguns talhões. Não há indicativo de pragas nas lavouras.

Bahia: as lavouras se encontram nos estádios de desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos, com boa qualidade nas áreas irrigadas do

centro-norte e oeste. Entretanto, na região nordeste, devido à irregularidade e falta das chuvas, as lavouras tiveram a floração e formação das espigas prejudicadas, o que reduziu bastante o potencial produtivo nessa região, com grande impacto na produção do estado.



Foto 5 - Milho 3ª safra - Lavoura com perda total utilizado para pastejo direto - Monte Santo-BA

Fonte: Conab.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho terceira safra - Safra 2025/26								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RR	Sul de Roraima	1,23	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Norte de Roraima	4,29	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
PE	Sertão Pernambucano	0,64	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Agreste Pernambucano	1,41	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
AL	Sertão Alagoano	0,75	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Agreste Alagoano	1,78	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Alagoano	0,47	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SE	Sertão Sergipano	24,16	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Agreste Sergipano	17,86	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Leste Sergipano	3,44	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C

Continua

Legenda - Condição hídrica				
		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho terceira safra - Safra 2025/26								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
BA	Extremo Oeste Baiano**	1,56	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Nordeste Baiano	41,72	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Centro Norte Baiano**	0,37		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2024)/Conab.

Nota: **Total ou parcialmente irrigado.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2025/26 de milho, as projeções indicam expansão da área plantada, tanto na primeira como na segunda safra.

Na safra de verão, espera-se um crescimento de 8,7% na área cultivada, revertendo a tendência de queda dos últimos anos. Esse avanço foi motivado por perspectivas, no momento de definição de área (no segundo semestre de 2025), de preços mais favoráveis no primeiro semestre de 2026 e pela possível ampliação da procura por milho brasileiro.

Na segunda safra, a tendência de crescimento persiste, com projeção de aumento de 2,2% na área plantada. Essa expansão é sustentada pela continuidade do modelo produtivo soja-milho, economicamente atrativo. No entanto, uma esperada queda de 4,1% na produtividade deverá provocar uma redução de 1,9% na produção total da segunda safra.

Com isso, a produção total de milho para 2025/26 deverá atingir, aproximadamente, 143 milhões de toneladas, representando um aumento de 1,3% em comparação com o ciclo anterior.

No panorama de abastecimento, a safra 2025/26 deverá registrar um avanço de 4,8% no consumo doméstico, impulsionado pela maior demanda da indústria de etanol. As exportações continuarão em patamar elevado, apoiadas pelo bom desempenho produtivo. Por fim, os estoques de passagem devem encerrar o ciclo com um volume de 15,6 milhões de toneladas.

TABELA 14 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL*
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.466,0	54.634,4	7.201,3
2023/24	7.201,3	115.534,6	1.644,7	124.380,6	84.106,2	38.500,9	1.773,5
2024/25	1.773,5	141.157,6	1.845,8	144.776,9	90.676,9	41.631,5	12.468,6
2025/26	jul/26	12.468,6	141.728,9	1.700,0	155.897,5	94.889,2	14.508,3
	ago/26	12.468,6	142.955,0	1.700,0	157.123,6	95.041,4	15.582,2

Fonte: Conab.

Nota: *estimativa em agosto/2026.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

48.610,3 mil ha
+2,7%

PRODUTIVIDADE

3.712 kg/ha
+2,5%

PRODUÇÃO

180.463,5 mil t
+5,2%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 15 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		37.361,6	3.382	126.373,8
2020/21		39.762,0	3.525	140.179,3
2021/22		41.793,8	3.130	130.828,7
2022/23		44.514,7	3.575	159.154,3
2023/24		46.095,9	3.282	151.283,4
2024/25		47.346,1	3.622	171.480,5
2025/26	Jul./26	48.640,6	3.712	180.568,0
	Ago./26	48.610,3	3.712	180.463,5

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Mesmo com o vazio sanitário vigente na maioria dos estados do Brasil, ainda temos soja sendo cultivada e colhida em Roraima, Alagoas e Tocantins. Os dois primeiros devido a sua localização geográfica, e Tocantins, por ter, além disso, condições favoráveis à produção de sementes.

Neste levantamento, a área cultivada de soja foi reduzida para 48.610,3 mil hectares, devido à redução do plantio para produção de sementes de soja no Tocantins, nas regiões de várzea.

ANÁLISE ESTADUAL

Alagoas: a região produtora de soja no estado registrou volumes de chuvas próximos aos 300 mm, com acumulado de mais de 1.120 mm, no ano, tanto na região do município de Limoeiro de Anadia, como na região do município de São Miguel dos Campos. Em junho foi finalizado o plantio, no entanto, as primeiras áreas cultivadas já foram dessecadas, com previsão de início de colheita nessa última semana de julho. Por outro lado, a maior parte das áreas de soja estão na fase reprodutiva, em floração e enchimento de grãos. Algumas das áreas estão recebendo a última pulverização de fungicida como parte das operações de manejo, antes da dessecação. As informações levantadas indicam boa perspectiva para o rendimento da soja, com estimativas superiores a 4.000 kg/ha.

Ceará: a colheita se aproxima da finalização no estado, e as produtividades são consideradas satisfatórias pelos produtores.

Tocantins: houve disponibilidade de água para captação e irrigação das lavouras, e não há registro de interferências climáticas no desenvolvimento da cultura. No município de Formoso do Araguaia, as lavouras estão variando do estádio (R5.5) até áreas próximas da colheita (R7.3). A colheita deverá ser concluída em setembro, com produtividade média esperada entre 45 scs/ha e 48 scs/ha. Com a redução na área da soja semente, estima-se que a área de produção no estado ficou em 1.645,9 mil hectares.



Foto 6 - Soja irrigada 2ª Safra - Maturação - Formoso do Araguaia-TO

Fonte: Conab.

Roraima: as chuvas cessaram em meados de julho, comprometendo o potencial produtivo das lavouras da oleaginosa em boa parte do estado. A colheita já foi iniciada, e os resultados estão sendo contabilizados.

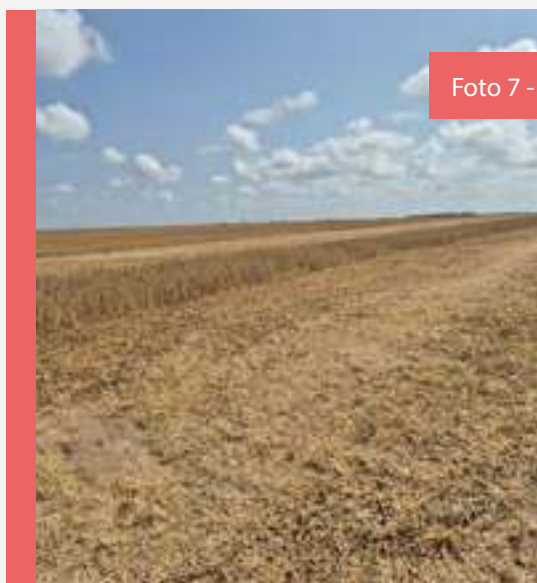


Foto 7 - Soja - Colheita - Bonfim-RR

Fonte: Conab.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
		Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
		Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2025/26								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,13		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PA	Sudeste Paraense	2,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	1,70		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Oriental do Tocantins	1,30		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MA	Leste Maranhense	0,60			S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Sul Maranhense	1,46		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PI	Sudoeste Piauiense	2,57		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano	5,29		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	16,41	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	5,27		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,75	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Mato-grossense	3,64	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,00		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,19		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	4,55	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
GO	Noroeste Goiano	0,74		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,72		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,86		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	7,86		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C		
MG	Noroeste de Minas	1,41		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,67		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Itapetininga	0,77		S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,54	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	2,08	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	0,86	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,27		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Oeste Paranaense	2,21	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,25	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,87		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	0,99		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	0,95	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense	7,54		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Nordeste Rio-grandense	0,79		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	1,62		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	0,60		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	1,35		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

SAFRA 2025/26

Safrade grãos

A estimativa de produção foi reduzida em 105 mil toneladas, de 180,57 milhões para 180,46 milhões de toneladas, em razão de ajustes na área projetada. A previsão de importações permaneceu inalterada.

Com a menor disponibilidade projetada, a estimativa de exportações foi reduzida em 67 mil toneladas, de 116,31 milhões para 116,24 milhões de toneladas.

Para o esmagamento, a projeção foi reduzida em 435 mil toneladas, para 62,13 milhões de toneladas, refletindo o adiamento da elevação da mistura obrigatória de biodiesel de B15 para B16. A estimativa para 2026 permanece condicionada às definições sobre a implementação do B16.

Como resultado dos ajustes no balanço de oferta e demanda, os estoques finais foram elevados em 400 mil toneladas, para 9,19 milhões de toneladas.

FARELO DE SOJA

A estimativa de vendas de farelo de soja em 2026 foi elevada em 400 mil toneladas. Em contrapartida, a menor projeção de esmagamento de soja reduziu a estimativa de produção de farelo em 465 mil toneladas.

As exportações foram revisadas para cima, em 1,44 milhão de toneladas, sustentadas pelo bom desempenho dos embarques nos primeiros sete meses

de 2026. Com esses ajustes, os estoques de passagem foram reduzidos em 2,3 milhões de toneladas.

ÓLEO DE SOJA

A estimativa de vendas no mercado interno foi reduzida em 48 mil toneladas, em virtude do adiamento da elevação da mistura obrigatória de biodiesel de B15 para B16.

SÍNTESE

O principal fator de ajuste no balanço da safra 2025/26 é o adiamento da implementação do B16, que reduz a demanda projetada para esmagamento de soja e para óleo de soja no mercado doméstico. No farelo, destaca-se a revisão positiva das exportações, apoiada pelo desempenho observado nos primeiros sete meses de 2026.

TABELA 16 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2024/25	7.231,3	171.480,5	969,0	179.680,8	61.525,0	108.181,1	9.974,8
	2025/26	9.974,8	180.463,5	900,0	191.338,3	65.904,4	116.240,4	9.193,5
FARELO	2024/25	2.589,0	44.233,7	0,1	46.822,8	19.751,2	23.269,2	3.802,4
	2025/26	3.802,4	48.270,9	1,0	52.074,3	21.000,0	24.696,0	6.378,4
ÓLEO	2024/25	465,2	11.765,0	105,2	12.335,5	10.312,0	1.362,9	660,6
	2025/26	660,6	12.564,4	100,0	13.324,9	10.689,0	1.800,0	835,9

Fonte: Conab e Secex.

Nota: estimativa em agosto/2026.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

1.946,8 mil ha
- 20,4%

PRODUTIVIDADE

2.986 kg/ha
- 7,2%

PRODUÇÃO

5.813,1 mil t
- 26,2%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 17 - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020	2.040,5	2.526	5.154,7
2021	2.341,5	2.663	6.234,6
2022	2.739,3	2.803	7.679,4
2023	3.473,4	2.331	8.096,8
2024	3.058,7	2.579	7.889,3
2025	2.445,9	2.979	7.873,4
2026	Jul./26	2.036,7	6.025,9
	Ago./26	1.946,8	5.813,1

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Em relação à safra 2024/25, verifica-se nova redução da área cultivada, agora estimada em 1.946,8 mil hectares, com destaque para o Rio Grande do Sul, além de ajustes em Santa Catarina, Goiás e Mato Grosso do Sul. A retração está associada às condições de mercado para a cultura e à cautela dos produtores diante do risco climático. Em contrapartida, registrou-se elevação da produtividade em Goiás, acompanhando a maior participação relativa das

áreas irrigadas, e em Minas Gerais, elevando a produtividade média no país, de 2.959 kg/ha para 2.986 kg/ha.

Com isso, a produção de trigo está estimada em 5.813,1 mil toneladas, volume 3,5% inferior ao previsto no levantamento anterior e 26,2% abaixo do obtido na safra passada. Em relação ao ciclo anterior, a área cultivada apresenta retração de 20,4% e a produtividade, redução de 7,2%.

A semeadura encontra-se em fase final nas regiões produtoras. No Rio Grande do Sul e no Paraná, a implantação foi concluída no início de agosto, predominando áreas em desenvolvimento vegetativo, com o Paraná apresentando as primeiras lavouras em floração e enchimento de grãos. Em Santa Catarina, os trabalhos seguem em estágio avançado, com predominância de lavouras em emergência e desenvolvimento vegetativo.

Nos estados onde a semeadura foi concluída, a cultura apresenta estádios diversos: na Bahia e em Mato Grosso do Sul predominam o desenvolvimento vegetativo e o enchimento de grãos, em São Paulo, a floração e o enchimento de grãos, em Minas Gerais o enchimento de grãos e a maturação, com início da colheita, e em Goiás a colheita das áreas de sequeiro avança enquanto as lavouras irrigadas permanecem em formação de panículas.

Rio Grande do Sul: a cultura apresenta nova retração na área, dando continuidade à tendência observada nas últimas safras. Favorecida pelas condições meteorológicas, a semeadura foi concluída, e as lavouras implantadas apresentam bom estabelecimento, com emergência uniforme, boa sanidade e baixa incidência de pragas e doenças neste início de ciclo.

No noroeste gaúcho a semeadura foi finalizada, ainda que o avanço tenha ocorrido de forma mais lenta em razão das chuvas frequentes de junho,

que dificultaram a entrada das máquinas, com parte das áreas inicialmente destinadas ao trigo sendo ocupada por culturas de cobertura e canola.

No leste do Planalto Médio, na Depressão Central e na Serra Gaúcha, o tempo seco e a boa umidade do solo permitiram concluir a semeadura dentro da janela recomendada, com as primeiras lavouras iniciando o perfilhamento.

No Planalto Superior, a semeadura foi realizada de forma mais tardia, estratégia adotada para reduzir o risco de geadas durante o florescimento. Na Campanha e na região sul verifica-se redução de área, com parte das áreas destinada à pecuária e a pastagens de inverno.

Paraná: no momento do levantamento, o trigo seguia em fase de implantação e desenvolvimento vegetativo, com diferenças regionais quanto ao avanço e às condições de estabelecimento. De modo geral, as lavouras apresentam boas condições, favorecidas pelo bom estabelecimento inicial e pelas temperaturas mais baixas, que contribuem para o perfilhamento.

Nas regiões oeste e sudoeste, observa-se boa emergência e vigor inicial, favorecidos pela adequada umidade do solo, ao mesmo tempo em que se registra redução da área cultivada, com parte destinada a outras culturas de inverno, como aveia e cevada.

No norte e noroeste, as lavouras implantadas apresentam bom desenvolvimento, permanecendo o monitoramento das condições climáticas para as fases de maturação e colheita.

No centro-sul, Campos Gerais e leste paranaense, a redução de área foi mais expressiva. As condições de frio favoreceram o estabelecimento das lavouras, porém o excesso de chuvas e os períodos de menor luminosidade ocasionaram

desenvolvimento apenas regular em parte das áreas. A retração da área nesta safra está associada às condições de mercado para a cultura.

São Paulo: o trigo segue em desenvolvimento no estado. Na região de Itaberá, no sudoeste paulista, principal polo produtor do cereal, as lavouras apresentam boas condições e encontram-se em alongamento e enchimento de grãos.

As baixas temperaturas e a disponibilidade hídrica têm favorecido o desenvolvimento da cultura, proporcionando condições adequadas para seu desempenho até o momento.

A previsão de colheita permanece para setembro e outubro, não havendo, até o momento, registros de eventos climáticos que comprometam o desenvolvimento das lavouras.

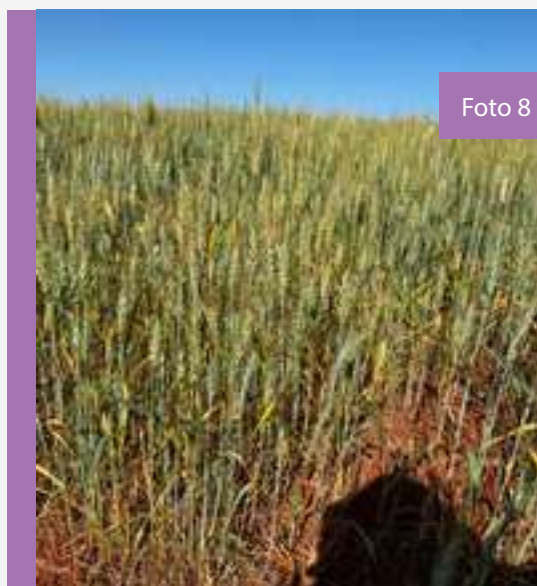


Foto 8 - Trigo - Enchimento de grãos - Guaiúra-SP

Fonte: Conab.

Santa Catarina: a cultura encontra-se em fase de implantação, com a semeadura em estágio avançado nas regiões produtoras. As lavouras já implantadas apresentam boa germinação, emergência uniforme e início do desenvolvimento vegetativo, favorecidas pela adequada umidade do solo e pelas temperaturas típicas do inverno, com as geadas de baixa intensidade contribuindo para o perfilhamento.

No Planalto Sul, a semeadura é conduzida de forma escalonada, prática adotada para reduzir o risco de geadas tardias durante o florescimento.

Em relação à safra anterior, observa-se nova redução da área cultivada.

Minas Gerais: nas lavouras do estado, observam-se comportamentos distintos entre as modalidades de cultivo, com redução das áreas de sequeiro e expansão das áreas irrigadas. Parte das áreas de sequeiro mais tardias deixou de ser implantada, permanecendo em pousio ou sendo destinada ao cultivo de milho para formação de palhada.

Nas regiões Noroeste, Norte e no Triângulo Mineiro, as lavouras de sequeiro enfrentaram períodos de estiagem e altas temperaturas durante grande parte do ciclo, comprometendo o perfilhamento e resultando em espigas de menor porte, com reflexos no potencial produtivo. As chuvas ocorridas entre junho e julho, associadas às temperaturas elevadas, sobretudo no Noroeste, também favoreceram a ocorrência de brusone (*Pyricularia oryzae*), acentuando as perdas de produtividade.

Em contrapartida, nas demais regiões produtoras, com destaque para o Sul de Minas, Campo das Vertentes e Oeste, as condições foram mais favoráveis, sem restrição hídrica relevante ao longo do ciclo.

A colheita já foi iniciada, e a produção total apresenta estimativa de incremento em relação à safra passada, principalmente em razão da ampliação da área cultivada sob irrigação.

Distrito Federal: as lavouras encontram-se nos estádios de enchimento de grãos e maturação, apresentando bom aspecto fitossanitário. A área cultivada apresenta incremento em relação à safra anterior, impulsionado principalmente pela expansão das áreas irrigadas, enquanto nas áreas de sequeiro a estimativa indica cultivo em patamar ligeiramente superior ao observado no ciclo anterior. Dessa forma, considerando as duas modalidades de cultivo, a produção de trigo deverá superar a obtida no exercício anterior.

Goiás: a semeadura do trigo irrigado já foi concluída, e parte das lavouras já se encontra em formação de panículas, com as primeiras áreas iniciando a colheita e maior concentração das operações prevista entre agosto e setembro.

Até o momento não há registros de brusone ou de outras doenças de importância econômica, e as baixas temperaturas têm contribuído para a menor pressão de pragas.

O trigo de sequeiro teve a colheita iniciada, com rendimentos reduzidos em decorrência da escassez de chuvas ao longo de todo o ciclo, que comprometeu o potencial produtivo, sendo parte das áreas destinada apenas à cobertura do solo.

Com a redução proporcional das áreas de sequeiro, a maior participação relativa do cultivo irrigado eleva o rendimento médio estimado para o estado.

Mato Grosso do Sul: a ocorrência de ondas de frio e de chuvas regulares têm proporcionado níveis adequados de umidade e sanidade às lavouras,

e a elevada nebulosidade registrada no período contribuiu para a menor incidência de plantas invasoras.

Nas lavouras com maior potencial produtivo seguem sendo realizados investimentos em adubação nitrogenada e demais tratos culturais.

Quanto às condições fitossanitárias, observa-se baixa incidência de lagartas desfolhadoras e pulgões, com as pulverizações realizadas conforme o planejamento.

Embora as chuvas tenham favorecido o desenvolvimento da cultura, a elevada umidade relativa do ar, associada à alta nebulosidade e às temperaturas amenas, favoreceu a ocorrência de brusone, com reflexo na estimativa de rendimento.

As lavouras encontram-se predominantemente entre o enchimento de grãos e a maturação.

Bahia: o plantio já foi concluído, e as lavouras apresentam desenvolvimento satisfatório, com bom estabelecimento inicial e estande adequado. Em relação à safra passada, observa-se redução da área cultivada, refletindo as condições de mercado para a cultura e a maior participação de cultivos, como sorgo e milho.

As condições climáticas foram marcadas pela redução dos volumes pluviométricos e pelo predomínio de tempo firme ao longo do período, sem impactos significativos sobre as áreas irrigadas. As lavouras seguem com os tratos culturais conforme o planejamento dos produtores, com atenção ao controle de plantas daninhas e doenças, visando à manutenção do potencial produtivo.

QUADRO 10 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - TRIGO

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
UF	Mesorregiões–	Produção* %	Trigo - Safra 2026								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,57	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
GO**	Leste Goiano** (tirar os asteriscos)	0,86	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Goiano	0,57	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas**	1,24	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba**	1,86	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	0,96	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Campo das Vertentes	1,15	S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SP	Bauru	0,73	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Itapetininga	4,25	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,88	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	5,09	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	4,78	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C			
	Centro Oriental Paranaense	4,05		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense	3,99	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	6,62	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	4,14		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	1,23		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	3,56		S/E	S/E/DV	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Norte Catarinense	0,81		PS	S/E/DV	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Serrana	1,15		PS	S/E/DV	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense	36,23		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense	2,69			S	S/E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	3,18		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Centro Oriental Rio-grandense	0,77		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	4,49		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	0,66		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

(**) Parte irrigada.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

O preço do trigo em grãos subiu no último mês nas principais praças produtoras do Brasil, a saber, Paraná e Rio Grande do Sul. No Paraná, as cotações foram de R\$ 70,28 em junho para R\$ 71,69 em julho, um aumento

de R\$ 2,01%. No Rio Grande do Sul, o preço médio subiu de R\$ 68,57 em junho para R\$ 69,55 em julho, variação positiva de 1,43%. Esse movimento se deu pela baixa oferta no Hemisfério Sul, principalmente de trigos de alta qualidade, e problemas na cadeia logística no mar negro, devido ao conflito entre Rússia e Ucrânia.

No mercado internacional, o cenário segue de grande oferta de trigo e estoques elevados, porém com dificuldades logísticas, apesar da safra recorde na Rússia, os problemas nos portos escoadores de trigo geram uma menor oferta de trigo. Nos Estados Unidos, o clima seco segue prejudicando, e nem mesmo as chuvas no final de julho resolveram esse problema.

A expectativa é que a colheita seja 21,5% abaixo da colheita americana em 2025, o que deve reforçar a demanda pelo produto no mercado internacional. Desta forma, os valores mensais fecharam com valorização de 6,69%, com a média FOB Golfo (Estados Unidos) cotada a US\$ 304,42 por tonelada. Na Argentina, houve perda de qualidade do trigo em relação à safra passada, e o preço médio de julho ficou em US\$ 233,04 por tonelada.

A Conab revisou os números referentes à área, produção e produtividade. A estimativa é que sejam plantados 1.946,8 mil hectares (-20,4% em relação à safra anterior), e colhidas 5.813,1 mil toneladas (26,2% abaixo da última safra), com produtividade média de 2.986 kg/há, queda de 7,2% em relação ao último ano, devido ao menor investimento na lavoura e à tendência de clima mais difícil. O volume estimado de importação para a safra atual, praticamente completa, é de 5.914,4 mil toneladas, enquanto a previsão para a próxima safra é de 7.103,4 mil toneladas. Para a exportação, é estimada entrada de 1.817,4 mil toneladas, enquanto a previsão para a safra 2026/27 foi reduzida para 1.497,3 mil toneladas. Com este cenário, a previsão é encerrar a safra 2026 com estoques finais de 900,3 mil toneladas.

TABELA 18 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.079,0	15.817,1	11.849,8	3.028,3	939,0
2022	939,0	10.554,4	4.514,2	16.007,7	11.894,1	2.654,0	1.459,6
2023	1.459,6	8.096,8	5.699,9	15.256,3	11.943,6	2.791,0	521,7
2024	521,7	7.889,3	6.822,2	15.233,2	11.890,6	1.872,6	1.470,0
2025*	1.470,0	7.873,4	5.914,4	15.257,8	11.890,4	1.886,3	1.481,1
2026**	jul/26	1.797,2	6.025,9	6.853,7	14.676,8	11.800,8	1.308,7
	ago/26	1.481,1	5.813,1	7.103,4	14.397,6	12.000,0	900,3

Fonte: Conab.

Nota: *estimativa em agosto/26.

**Previsão.

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

ANÁLISE ESTADUAL

Na safra 2025/26, a produção de amendoim está estimada em 1,28 milhão de toneladas, 10,5% superior à temporada anterior. O incremento decorre, principalmente, do ganho de produtividade, estimado em 9,9%, enquanto a área cultivada apresenta variação de 0,6%.

De modo geral, as condições climáticas favoreceram o desenvolvimento das lavouras, especialmente em São Paulo, principal produtor nacional, contribuindo para a recuperação dos rendimentos em relação ao ciclo anterior.

QUADRO 11 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - AMENDOIM

Legenda – Condição hídrica									
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2025/2026						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
MG	Leste de Mato Grosso do Sul	5,72	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	6,16	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
SP	Araçatuba	3,98	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Araraquara	5,69	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Bauru	12,44	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Marília	16,26	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Presidente Prudente	17,50	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Ribeirão Preto	14,96	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	São José do Rio Preto	10,08	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

GERGELIM

Mato Grosso: de modo geral, as condições climáticas foram favoráveis ao desenvolvimento da cultura. No entanto, houve a ocorrência de casos pontuais de descompasso na quantidade ideal de precipitações, ora com excesso de chuvas por conta de sua ocorrência fora de época, ora pela existência de deficit hídrico, a depender da região de estado, em que parcela de Mato Grosso padeceu com deficit hídrico e estiagem, ao passo que a maior parte observou prolongamento das chuvas para um período em que elas não seriam esperadas.

Apesar da heterogeneidade das precipitações, as lavouras apresentaram bom desenvolvimento ao longo do ciclo. Os trabalhos de colheita avançam e já ultrapassam mais de 90% das áreas alocadas ao gergelim, com rendimento considerado satisfatório, apesar dos relatos negativos pontualmente observados no campo.

A comercialização já havia apresentado avanço significativo antes do início dos trabalhos de colheita, com a maior parte da produção previamente contratada, com foco no mercado externo. Em relação ao saldo remanescente, é observada uma instabilidade, com baixa liquidez no mercado. As cotações têm operado com preços bons em relação à safra passada.

Pará: em alguns polos produtores, o cultivo do gergelim, realizado em sucessão à soja, foi afetado pelo encurtamento da janela de semeadura, em razão dos períodos de restrição hídrica ocorridos durante o ciclo da oleaginosa, que atrasaram o calendário das culturas em sucessão.

As lavouras encontram-se entre o enchimento de grãos e maturação, com grande parte das áreas já colhida. De modo geral, as condições foram

regulares, e a produtividade estimada permanece próxima à obtida na safra anterior.

O gergelim permanece como alternativa para o cultivo em sucessão à soja no Pará, em razão da menor exigência hídrica na fase final do ciclo e da demanda voltada à exportação. Nesta safra, a redução da cotação do dólar pressionou os preços recebidos pelo produtor e reduziu a atratividade da cultura em algumas regiões.

Tocantins: a colheita encontra-se em fase de finalização. A área cultivada apresentou redução significativa nesta safra, influenciada pelos menores preços do gergelim e pela opção por culturas como feijão, sorgo e milho. Em áreas arrendadas com pagamento referenciado em soja, também foi relatada preferência por cultivos que proporcionem maior formação de palhada e cobertura do solo.

GIRASSOL

Distrito Federal: a cultura encontra-se em estágio final de maturação. A área cultivada é estimada em 0,5 mil hectares, redução de 16,7% em relação à safra passada. A produtividade média está estimada em 2.050 kg/ha, 2,9% inferior ao ciclo anterior, resultando em produção de aproximadamente 1 mil toneladas. A produção é destinada principalmente ao mercado local, especialmente à alimentação de aves ornamentais.

Goiás: a colheita alcança 72% da área cultivada. A área plantada é estimada em 63 mil hectares, aumento de 34% em relação à safra anterior, impulsionado, entre outros fatores, pela instalação de uma nova indústria de óleo de girassol no sudoeste goiano.

As condições climáticas foram variáveis ao longo do ciclo. Na região sul, a melhor distribuição das chuvas favoreceu o desenvolvimento das lavouras, enquanto, em outras áreas, o baixo regime hídrico prejudicou a formação dos capítulos e dos grãos, resultando em grãos menores e mais leves. As lavouras implantadas fora da janela recomendada ou em áreas com menor fertilidade, solos arenosos ou compactados, apresentaram os menores rendimentos.

A produtividade apresenta grande variabilidade entre as áreas, com registros entre 10 scs/ha e 45 scs/ha. Até o momento, a média estadual está estimada em 1.140 kg/ha, 27,8% inferior à obtida na safra anterior. A qualidade dos grãos é considerada regular, com ocorrência de grãos leves. Apesar das restrições hídricas, lavouras conduzidas em áreas com boa fertilidade, cobertura do solo e manejo fitossanitário adequado apresentaram melhor desempenho, favorecidas também pela maior tolerância da cultura a períodos de menor disponibilidade hídrica.

Os preços permaneceram relativamente estáveis e, segundo as informações de campo, cerca de 65% da produção estadual já foi comercializada diretamente com o setor industrial.

Mato Grosso do Sul: na região norte, o avanço fenológico ocorreu sob condições predominantemente secas, favorecendo a finalização do ciclo e a redução da umidade dos aquênios. Contudo, foram observados estandes irregulares e menor disponibilidade hídrica nos solos mais arenosos. Parte das áreas apresentou menor desenvolvimento, associado ao menor investimento tecnológico e às irregularidades climáticas, resultando em redução da área efetivamente conduzida até o final do ciclo. Nas áreas mantidas, a produtividade também foi afetada, e a colheita deverá ser finalizada na primeira quinzena de agosto.

Na região sudeste, a irregularidade das chuvas favoreceu a perda de umidade dos aquênios nas lavouras mais adiantadas. A colheita do girassol rajado, destinado à alimentação de pássaros, está em andamento e deverá ser concluída em meados de agosto. Os cultivos destinados à produção de óleo apresentam ciclo mais tardio, com predomínio da fase de enchimento de grãos.

De modo geral, o clima mais seco de julho favoreceu a maturação e as condições para a colheita, mas não compensou as limitações ocorridas durante as fases iniciais e intermediárias do desenvolvimento da cultura.

A comercialização permanece semelhante ao levantamento anterior, uma vez que os negócios ocorrem, predominantemente, após a disponibilidade do produto. Assim, o volume comercializado dependerá da produção obtida e da qualidade dos grãos.

Mato Grosso: a colheita foi finalizada. O cultivo de girassol permanece bastante restrito, após perder espaço para outras culturas de segunda safra ao longo dos últimos anos. Apesar das cotações consideradas favoráveis nesta temporada, os preços não foram suficientes para estimular a ampliação da área cultivada.

MAMONA

Bahia: a área cultivada com mamona apresenta leve incremento em relação à safra anterior, favorecida pelas condições de mercado e pela maior atratividade da cultura frente a outras alternativas de sequeiro. Em algumas regiões, as perdas registradas em outras culturas na temporada anterior também contribuíram para a destinação de áreas à mamona.

As condições climáticas foram, de modo geral, mais favoráveis que na safra passada. A melhor distribuição das chuvas durante a implantação e parte do desenvolvimento das lavouras favoreceu o estabelecimento das plantas, o crescimento vegetativo e a formação das estruturas reprodutivas. Posteriormente, a redução das precipitações e as elevadas taxas de evapotranspiração diminuíram a disponibilidade hídrica, principalmente nas áreas de sequeiro, sem comprometer, de forma generalizada, o desempenho da cultura.

A produtividade média está estimada em 1.714 kg/ha, 19,1% superior à safra anterior. Apesar do melhor desempenho, foram registradas ocorrências pontuais de cigarrinhas e percevejos, com danos ao vigor das plantas e às estruturas produtivas, variando conforme as condições das lavouras e o manejo fitossanitário adotado.

As lavouras encontram-se predominantemente entre a maturação fisiológica e a colheita, apresentando, no geral, condições satisfatórias. A colheita segue em andamento e deverá se estender até o fim de agosto, podendo alcançar meados de setembro em algumas áreas.

O mercado permanece influenciado pelas condições do mercado internacional de óleo de rícino, especialmente pela oferta proveniente da Índia. A disponibilidade do produto no mercado externo e a competitividade das importações exercem pressão sobre as cotações domésticas, enquanto a oferta mais ajustada de grãos no mercado nacional contribui para a sustentação dos preços ao produtor. A demanda das indústrias química, farmacêutica, cosmética e de biocombustíveis permanece como importante componente do mercado da mamona.

Ceará: a melhor distribuição das chuvas ao longo do ciclo favorece a expectativa de produtividade superior à registrada na safra anterior. O cultivo

permanece restrito a poucas localidades, onde as lavouras apresentam desenvolvimento satisfatório. A colheita está em fase inicial.

SORGO

Goiás: as condições climáticas desta safra foram significativamente mais adversas do que as do período anterior. Embora a cultura tenha demonstrado resiliência, os resultados gerais ficaram abaixo do esperado. As exceções pontuais ocorreram no sul e sudoeste, onde chuvas tardias registradas em junho trouxeram alívio e favoreceram o ganho de produtividade em algumas lavouras. No entanto, a escassez hídrica durante o período crítico do ciclo produtivo impactou fortemente a qualidade da safra. Houve grande heterogeneidade nos lotes, com grãos predominantemente leves, subdesenvolvidos e classificados com qualidade de regular a ruim.

A colheita avançou de forma significativa em julho, ultrapassando 40% da área e superando o ritmo de colheita do milho segunda safra na maioria das regiões produtoras. A produtividade média parcial foi estimada em 3.065 kg/ha neste levantamento, ante 3.121 kg/ha registrados no levantamento anterior. Essa variação negativa está diretamente atrelada à restrição hídrica ao longo do ciclo, fator que também afetou o milho safrinha, demonstrando que o baixo volume de chuvas impactou a cultura, apesar da sua reconhecida rusticidade e menor exigência hídrica.

Minas Gerais: a colheita está em andamento no estado e, conforme o produto vem sendo colhido, está se confirmando uma redução na produtividade para esta safra. O clima adverso é o principal motivo para a quebra observada. Como já relatado anteriormente, o atraso da colheita da soja e, conseqüentemente, o atraso do plantio das culturas de segunda

safrá, obrigou a maioria dos produtores a semear o sorgo fora da janela ideal de cultivo.

Nas áreas irrigadas, a produção supera os 6.000 kg/ha, mas no cômputo geral, entre sequeiro e irrigado, o panorama é de frustração de safrá. Durante o ciclo, tivemos relatos de chuvas que atingiram lavouras de sorgo e que isso poderia ter retomado o vigor vegetativo das plantas.

No entanto, com a colheita em andamento, os relatos são que a melhora foi somente no aspecto visual da cultura, e que o rendimento está abaixo do esperado, com cachos leves e chochos. Na região do Triângulo Mineiro, por exemplo, os produtores trabalham com expectativa de produtividade abaixo de 3.000 kg/ha, que vai se confirmando com o avançar da colheita. Há relatos também de muitos produtores que abandonaram a condução das lavouras ou que passaram máquinas roçadeiras por não vislumbrarem sucesso na produção. Neste levantamento, a produtividade do sorgo gira em torno de 3.725 kg/ha, 6,6% inferior ao registrado na safrá anterior.

São Paulo: a cultura apresenta bom desempenho com o avanço da colheita. Mesmo as áreas semeadas tardiamente apresentam um bom potencial produtivo.



Foto 9 - Sorgo - Maturação - Ourinhos-SP

Fonte: Conab.

Mato Grosso do Sul: a predominância de tempo firme e de baixos volumes precipitados ao longo desse período favoreceram a maturação, a redução da umidade dos grãos e o início da colheita nas áreas semeadas no início da janela de cultivo. Nos talhões tardios, entretanto, a diminuição da disponibilidade hídrica durante o enchimento de grãos pode limitar parcialmente o potencial produtivo. Ainda assim, em razão da maior tolerância do sorgo ao deficit hídrico, as lavouras apresentam condições satisfatórias.



Foto 10 - Sorgo - Enchimento de grãos - Anaurilândia-MS

Fonte: Conab.



Foto 11 - Sorgo - Enchimento de grãos - Sete Quedas-MS

Fonte: Conab.

Mato Grosso: a colheita tem avançado em âmbito estadual, já se encaminhando para seu desfecho, que deverá ocorrer em agosto. De modo geral, o rendimento tem sido satisfatório, onde a cultura se desenvolveu bem, mesmo diante de cenário de restrição hídrica incidente em parte do estado.

Distrito Federal: as lavouras já estão em colheita, apresentando produtividades variadas conforme a tecnologia empregada no cultivo, janela de semeadura e disponibilidade hídrica disponível no solo.

Bahia: as lavouras apresentam limitação do potencial produtivo devido à redução da disponibilidade hídrica. Os cultivos encontram-se distribuídos entre as fases de maturação e colheita, que segue em andamento, restando cerca de 5% da área em campo. A redução das precipitações a partir de meados de abril comprometeu fortemente o potencial produtivo das lavouras. Devido a isso, neste levantamento foram reduzidas as estimativas de produtividade para 2.955 kg/ha.

Piauí: devido ao atraso na colheita da soja, apenas uma parte das lavouras se desenvolveram em boas condições, mas a maior parte apresentou declínio de produtividade por deficit hídrico. A colheita segue avançando, confirmando queda de produtividade.

Maranhão: a colheita se aproxima da finalização, e as produtividades refletiram as condições climáticas desfavoráveis a partir da segunda quinzena de abril.

Tocantins: o corte prematuro das chuvas após meados de abril, comprometeu, principalmente, o desenvolvimento do sorgo semeado tardiamente, e com isso, o seu potencial produtivo.

Pará: a colheita se aproxima da finalização, e as produtividades alcançadas refletem as boas condições climáticas ocorridas durante o desenvolvimento do cereal.

Rio Grande do Sul: a safra atual teve 6,2 mil hectares cultivados no estado, apresentando uma produtividade média final de 4.382 kg/ha, com a área colhida atingindo o patamar de 99%. A proximidade do encerramento da colheita reafirma a importância da cultura como alternativa estratégica para o sistema produtivo gaúcho, atuando como uma ferramenta eficiente na mitigação de riscos e custos diante de adversidades climáticas, graças a sua rusticidade e tolerância ao estresse hídrico e térmico frente ao milho e à soja.

QUADRO 12 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda – Condição hídrica																			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2025/2026																
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET								
PA	Sudeste Paraense	3,93		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C									
TO	Ocidental do Tocantins	1,18		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
PI	Sudoeste Piauiense	2,44		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
BA	Extremo Oeste Baiano	2,74	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C									
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,13		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C									
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,92		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C								
MT	Norte Mato-grossense	2,90		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
GO	Centro Goiano	1,25		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C									
	Leste Goiano	7,42		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C									
	Sul Goiano	27,47		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C									
DF	Norte Mato-grossense	2,26			S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
MG	Noroeste de Minas	6,00		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C								
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	18,80		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C								

Continua

Legenda - Condição hídrica					
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

SP	Araçatuba	1,94			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	3,67			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Campinas	1,09			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Assis	1,54			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Itapetininga	1,79			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.
Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: a semeadura foi concluída. De modo geral, a implantação se deu em 20% da área em maio, 65% em junho e 15% em julho. O estabelecimento inicial da cultura foi satisfatório, favorecido por adequada disponibilidade de água no solo e boas condições climáticas durante a implantação.

Após a conclusão da semeadura, a área cultivada foi confirmada, mantendo-se a área em 401,8 mil hectares. Em relação à fenologia, predominam as lavouras em desenvolvimento vegetativo, enquanto 24% encontram-se em florescimento e 1% já iniciou o enchimento de grãos.

Em termos regionais, as áreas semeadas mais precocemente nas regiões Noroeste e da Campanha são as que apresentam maior avanço fenológico, concentrando as lavouras em fase reprodutiva. Na Campanha, aproximadamente 5% da área encontra-se em florescimento, enquanto na região de Frederico Westphalen, no Noroeste, cerca de 10% das lavouras já atingiram a fase de enchimento de grãos.

As precipitações intensas registradas na segunda quinzena de julho constituíram o principal fator de preocupação. Em diferentes regiões, foram observados casos de erosão do solo, lixiviação de nutrientes, como o nitrogênio, acamamento em áreas de maior declividade e possíveis problemas de estabelecimento de plantas nas últimas áreas semeadas. Apesar desses impactos localizados, a cultura apresenta boa capacidade de recuperação e, até o momento, não foram registrados prejuízos generalizados ou perdas irreversíveis. Todavia, essas

informações serão reavaliadas no próximo levantamento e avaliação de safras, visando entender os efeitos das geadas, oscilações de temperatura e dos elevados volumes acumulados de chuva.

Sob o aspecto fitossanitário, o cenário permanece favorável. A incidência de ferrugem da folha, manchas foliares e pragas, como pulgões, permanece baixa devido às temperaturas baixas do inverno. Entretanto, o avanço das lavouras para a fase reprodutiva, aliado à previsão de novas chuvas, aumenta o risco de ocorrência de doenças, sobretudo em áreas com maiores períodos de molhamento foliar pelo orvalho ou onde houve redução na utilização de fungicidas.

As principais práticas de manejo concentram-se na aplicação de nitrogênio via ureia em cobertura, controle de plantas invasoras e monitoramento constante de doenças e pragas, visando preservar o potencial produtivo das lavouras.

Paraná: junho foi marcado pela conclusão do plantio e pelo estabelecimento das lavouras implantadas. As chuvas registradas no período favoreceram a manutenção da umidade do solo, contribuindo para a emergência e o desenvolvimento vegetativo da cultura.

As temperaturas mais baixas observadas foram benéficas para a cultura, favorecendo o perfilhamento e proporcionando maior uniformidade das plantas. Em algumas localidades, porém, o excesso de umidade e os dias mais nublados limitaram parcialmente o desenvolvimento inicial.

De modo geral, as lavouras apresentam boas condições, com desenvolvimento satisfatório e bom estabelecimento inicial. A área cultivada apresenta estimativa de aumento em relação à safra anterior, impulsionada pela redução do cultivo de trigo e pela preferência dos produtores por uma cultura de menor custo, mais rústica e adequada para rotação de culturas e cobertura do solo.



Foto 12 - Aveia - Enchimento de grãos - PR

Fonte: Conab.

Mato Grosso do Sul: não houve alteração no panorama da evolução das lavouras, onde o clima foi caracterizado por ondas de frio, mantendo a sanidade das plantas e a baixa ocorrência de doenças. Além disso, mesmo com a redução das precipitações, as regiões produtoras mantiveram condições de umidade, mantendo o potencial produtivo dentro do esperado.

A cultura encontra-se em vários estádios, predominando o florescimento e enchimento de grãos. Apesar do cenário, onde parte dos cultivos são conduzidas em menor investimento tecnológico e sementes salvas, as lavouras seguem em condições favoráveis, sem intercorrências relevantes até o momento. No entanto, na região sudeste, parte das lavouras foram identificadas com coloração verde-clara, apontando sintomas de deficiência de nitrogênio, diante do baixo investimento.

Boa parte do cultivo do cereal é voltado para a cobertura de solos e rotação de culturas, porém o clima tem se mantido favorável, onde alguns lotes serão direcionados para confinamentos, indústrias alimentícias ou comercializadas como forma de sementes para a próxima safra.

QUADRO 13 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AVEIA

Legenda – Condição hídrica											
		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					

UF	Mesorregiões	Produção* %	Aveia - Safra 2026								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,70	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Centro Ocidental Paranaense	2,31	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense	2,99	S/E	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	1,18	S/E	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense	4,34	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	2,32	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense	2,90	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudeste Paranaense	2,80		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Noroeste Rio-grandense	56,41		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
RS	Nordeste Rio-grandense	7,40			S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	8,79		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	1,72		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	2,78		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandens	1,53		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: o acompanhamento técnico da safra de canola indica um cenário de consolidação da cultura no estado, com expressivo avanço de área, 74,5% de aumento em relação à safra passada, atingindo uma área cultivada recorde de 366,3 mil hectares.

Tal expansão é fundamentada pelo maior fomento por parte do setor industrial, custos de implantação mais competitivos em relação ao trigo, expectativa de rentabilidade e bons resultados produtivos.

No âmbito da conjuntura geral do estado, a semeadura da canola encontra-se totalmente finalizada. A evolução do plantio concentrou-se, majoritariamente, em maio (72% da área total), com início em abril (10%) e encerramento nas primeiras semanas de junho (18%), garantindo que a implantação ocorresse dentro da janela agrônômica recomendada.

A cultura evolui para as fases determinantes do rendimento, estimando-se que, ao final de julho, 2% esteja em enchimento de grãos, 28% das áreas do estado atinjam a fase de florescimento, enquanto 70% permanecem em desenvolvimento vegetativo.

Sob o ponto de vista fitossanitário e meteorológico, as geadas registradas em junho não provocaram danos expressivos, restringindo-se a episódios pontuais de abortamento de flores sem comprometimento do potencial produtivo. Contudo, as oscilações térmicas de julho, marcadas por temperaturas elevadas, seguidas de precipitações volumosas e episódios de precipitação torrencial, com acumulados superiores a 100 mm/dia em mais de um dia, resultaram em quadros de erosão, lixiviação de nutrientes e aumento substancial do risco fitossanitário, demandando monitoramento intensivo quanto ao surgimento de bacterioses e doenças fúngicas.

O noroeste do estado apresenta lavouras adentrando o período reprodutivo, com desenvolvimento vegetativo e estande dentro do padrão esperado. A combinação de temperaturas elevadas e alta umidade relativa em julho favoreceu o aparecimento de bacterioses, com incidência, predominantemente, associada ao uso de sementes salvas, práticas que acarretam a perda de resistência genética e depreciação do teto produtivo em cultivos sucessivos.

Na região Central, 25% do cultivo encontra-se em fase de floração e 75% em desenvolvimento vegetativo, visto que os dias ensolarados pontuais

favoreceram a polinização, contudo a precipitação intensa e o calor atípico figuram como fatores de alerta para o enchimento de grãos.

Na região da Campanha, mais de 15% das áreas estão em florescimento, enquanto o restante permanece em desenvolvimento vegetativo, com produtores intensificando tratos culturais preventivos por meio da aplicação foliar de Boro e fungicidas.

Na região Sul, o encerramento da semeadura ocorreu dentro do período recomendado, a despeito das chuvas no final do mês, apresentando estande uniforme e bom vigor vegetativo. Por fim, na Fronteira Oeste e Missões, registraram-se perdas pontuais, contudo, expressivas, decorrentes da queda de granizo, cujos danos efetivos ao estande e à produtividade final seguem sob avaliação.

Em relação aos aspectos mercadológicos e econômicos que balizam a tomada de decisão no setor, a atratividade da canola consolida-se frente às alternativas de cultivos de inverno. A cultura tem demonstrado uma relação de custo-benefício favorável, se comparada ao cultivo do trigo, apresentando menor custo de implantação por hectare e perspectivas de rentabilidade superior, fatores reforçados pelos programas de fomento e garantia de absorção da produção promovidos pela indústria processadora de óleos e biocombustíveis.

Paraná: a colheita iniciou em julho. As condições climáticas observadas durante o estabelecimento da cultura foram, de modo geral, favoráveis, com boa disponibilidade de umidade no solo após as chuvas registradas no período. Entretanto, em algumas regiões, o excesso de precipitações e os dias com maior nebulosidade afetaram parcialmente o desenvolvimento das plantas. As temperaturas mais baixas, típicas do período de inverno, contribuíram para o desenvolvimento da cultura.

A cultura encontra-se com as lavouras distribuídas entre desenvolvimento vegetativo e maturação, apresentando condições predominantemente boas. Em alguns locais, uma parcela das áreas apresenta desenvolvimento regular em razão do excesso de umidade.

A área cultivada na safra atual apresentou aumento em relação ao ciclo anterior, impulsionada, principalmente, pela substituição de áreas anteriormente destinadas ao trigo e pela utilização da canola como alternativa de rotação de culturas.

Apesar do crescimento da área cultivada, a canola ainda possui participação limitada dentro das culturas de inverno do Paraná. A cultura apresenta boa liquidez em regiões produtoras, especialmente pela demanda da indústria para produção de óleo e biodiesel.

CENTEIO

Paraná: o centeio segue em fase inicial de desenvolvimento, com o plantio quase finalizado. As chuvas registradas favoreceram a manutenção da umidade do solo e auxiliaram na emergência. Apesar disso, em algumas localidades, o excesso de precipitações e os dias mais nublados contribuíram para um desenvolvimento mais lento em parte das lavouras. As temperaturas mais baixas do período têm favorecido o estabelecimento inicial da cultura, sem registros de perdas significativas associadas ao frio.

A cultura apresenta avanço na semeadura, com as áreas já implantadas concentradas na fase de desenvolvimento vegetativo. De maneira geral, as lavouras apresentam boas condições.

A área cultivada na safra 2025/26 apresentou incremento em relação ao ciclo anterior, aumento associado principalmente à substituição de áreas antes destinadas ao trigo e ao uso do centeio como alternativa para rotação de culturas.

O centeio permanece como uma cultura de menor expressão no estado, com produção voltada principalmente para a indústria de panificação.



Foto 13 - Cevada - Desenvolvimento vegetativo - PR

Fonte: Conab.

CEVADA

Rio Grande do Sul: foi encerrada a semeadura da cultura em julho. Em razão das condições edafoclimáticas da principal região produtora, parcela significativa da área foi semeada somente em julho, mas sem prejuízos às estimativas de produtividade.

A evolução da operação de semeadura se deu em 3% da área em maio, em outros 67% da área em junho e nos 30% restantes nos dois primeiros decêndios de julho. O estabelecimento e desenvolvimento inicial das lavouras foi satisfatório nas primeiras áreas semeadas, mas em razão das chuvas torrenciais e volumosas ocorridas entre 20 e 21 de julho e entre 27

e 28 de julho, a germinação e emergência das lavouras das últimas áreas semeadas pode ter sido impactada negativamente.

De forma geral, a condição das lavouras é considerada satisfatória. Em razão da queda significativa da área cultivada, permaneceram no cultivo da cultura nesta safra os produtores mais tecnificados e com maior conhecimento do manejo da cultura, permitindo melhores condições das lavouras. Neste sentido, apesar das chuvas ocorridas em julho, a estimativa de produtividade da cultura está mantida.

Novos dados apresentados pelos informantes da cultura implicam uma nova redução da área cultivada da cultura para 20,3 mil hectares. O valor representa uma queda de 35,4% da área cultivada em relação à safra passada.

Ao final de julho, as lavouras ainda estavam no início do ciclo, e nossa estimativa é que 100% das áreas de cultivo apresente plantas em desenvolvimento vegetativo. No campo, os produtores realizavam os primeiros manejos das lavouras. Na maior parte das lavouras ainda não havia sido realizada a primeira aplicação de fertilizante nitrogenado.

Paraná: a cevada está totalmente semeada. As condições climáticas observadas até o momento têm favorecido o estabelecimento das lavouras, com boa umidade do solo e emergência satisfatória. O período de temperaturas mais baixas durante junho contribuiu positivamente para o desenvolvimento inicial da cultura, favorecendo principalmente o perfilhamento das plantas. Entretanto, em algumas localidades, o excesso de chuvas e a ocorrência de dias com menor luminosidade limitaram parcialmente o desenvolvimento de parte das lavouras.

A cultura apresenta áreas com 76% em estágios de desenvolvimento vegetativo, 18% em floração e 6% em frutificação. De maneira geral,

apresentam bom desenvolvimento inicial, com pequena parcela em condições regulares devido às condições de umidade excessiva.

A área cultivada na safra 2025/26 apresenta aumento em relação ao ciclo anterior. A cultura mantém perspectiva favorável devido à integração com a indústria cervejeira e à estrutura de processamento existente no estado.

A concentração da produção no eixo central-leste do estado favorece o desenvolvimento da cultura devido às condições climáticas de altitude mais adequadas à fisiologia da cevada, contribuindo para que o grão atinja os padrões exigidos pela indústria cervejeira. Além disso, o calendário de plantio, mais concentrado em junho, permite melhor planejamento da logística de insumos e maior segurança aos produtores por meio dos contratos de fomento.

TRITICALE

Rio Grande do Sul: após a conclusão da semeadura, os produtores focam suas atividades nos manejos da cultura. As condições meteorológicas foram, majoritariamente, favoráveis para a entrada das máquinas nas lavouras e, durante julho, foram realizados o controle das plantas competidoras e as primeiras aplicações de fertilizantes nitrogenados. A semeadura da cultura ocorreu em 10% da área em maio e nos 90% restantes em junho. Atualmente as lavouras estão 100% em desenvolvimento vegetativo.

No momento da realização deste levantamento, nas primeiras áreas semeadas, iniciava o alongamento dos entrenós. O florescimento das plantas deve ocorrer em agosto, em parcela significativa da área cultivada. Maio, junho e a primeira quinzena de julho registraram temperaturas inferiores à

normal climatológica, condição que limitou o desenvolvimento vegetativo, mas favoreceu o perfilhamento das plantas.

Ainda sobre as condições meteorológicas registradas, o menor volume acumulado de chuvas diminuiu a umidade do ar e favoreceu a manutenção de maior sanidade das plantas até 20 de julho. Entre 20 e 21 de julho e entre 27 e 28 de julho ocorreram chuvas torrenciais, que provocaram danos nas lavouras, mas a maior parte das lavouras ainda não havia recebido a primeira dose de nitrogênio, evitando perdas do nutriente. Neste cenário, mantemos nossa estimativa inicial de produtividade.

Paraná: a semeadura foi concluída, e as condições climáticas observadas até o momento têm favorecido o estabelecimento da cultura, com boa disponibilidade de umidade no solo e emergência satisfatória das lavouras já implantadas. As temperaturas mais baixas do período de inverno têm contribuído para o desenvolvimento inicial da cultura, que apresenta boa adaptação às condições do estado. Em algumas localidades, o excesso de chuvas e os dias com menor luminosidade resultaram em uma pequena parcela de lavouras com desenvolvimento regular.

A cultura encontra-se com o plantio concluído, com áreas já implantadas nos estágios de desenvolvimento vegetativo, floração e frutificação. De modo geral, as lavouras apresentam bom estabelecimento e estande satisfatório.

É uma cultura de menor expressão quando comparada ao trigo e a outras culturas de inverno. O incremento de área está relacionado, principalmente, à substituição de áreas destinadas ao trigo e ao interesse dos produtores por alternativas de menor custo e maior rusticidade para rotação de culturas.

O triticale mantém importância, principalmente, como alternativa dentro dos sistemas produtivos de inverno, com utilização voltada para alimentação animal, fábricas de ração e integração com sistemas pecuários.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



Conab

MINISTÉRIO DO
**DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO
E AGRICULTURA FAMILIAR**

